DAVID RUBÍN E A BD NA GALIZA 22

A finais de 2012 publicou a segunda parte da sua novela gráfica *El Héroe*, onde se achega, com o seu imaginário próprio, ao mito de Heracles, trazendo-o para o contemporáneo e dando-lhe todos os recursos da BD.

ANALISAMOS LEI WERT 15

A aprovaçom da LOMCE ainda nom tem data, mas o estudantado e associçons em defesa da educaçom pública analisam e criticam umha reforma educativa que afonda na venda do sistema ao capitalismo.

"É aberrante que as companhias galegas empreguem aeroportos de fora, quando os de aqui operam a 50%"

RAFAEL PENHA, responsável pola CIG no aeroporto de Lavacolha
Pág. 6

NÚMERO 124 | 15 DE MARÇO A 15 DE ABRIL DE 2013 | 1,20 €

NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA

FERPER

Que está a passar com o setor do vento?

Acostumada a comprovar cada semana a suba dos preços do petróleo e das energias fósseis, o futuro das energias finitas está cada vez mais na boca da gente. Polas suas características geográficas, a Galiza conta com umhas mediçons de vento excepcionais, o que no passado a colocou entre os maiores produtores mundiais de energia elétrica -umha energia renovável ainda cativa mas que está a ganhar mais e mais importância diante da perspectiva de esgotamento das energias tradicionais. Mas hoje, a Galiza já nom é líder do setor e empresas como a Gamesa estám a fechar plantas e deslocar-se para outros territórios ante as políticas autonómicas e centrais. / PÁGS. 16 e 17

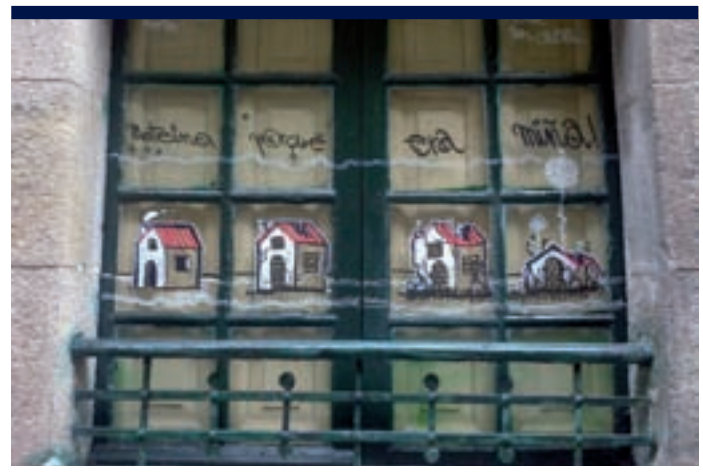
Crónica gráfica: Mulheres que som

Fornecemos umha foto-reportagem em que Vera-Cruz Montoto dá imagem a companheiras doutras latitudes, protagonistas de luitas que som exemplo de força e determinaçom / PÁG. 21

OBSERVATÓRIO FEMINISTA DA SAÚDE

"Devemos estar atentas aos direitos ganhos"

O Dito e Feito achega-se à Corunha: é 8 de março, um dia de luita mas também de juntança e celebraçom numha cidade em que os feminismos (no plural) passam por um dos seus momentos mais ativos. Dentro deste mapa heterogéneo está o Observatório Feminista da Saúde, umha iniciativa original de mulheres preocupadas por um sistema se saúde artelhado por e para homes, em que as necessidades femininas som postas de parte, a sexualidade invisibilizada, e os direitos mais básicos agredidos. Entrevista com duas ativistas do coletivo . / PÁG. 14



ANÁLISE DA POLÍTICA DE VIVENDA DA JUNTA

Aumenta o número de moradas vazias

Os últimos dados oficiais conhecidos sobre despejos falam de que até setembro do ano passado mais de 3.600 famílias perderom as suas moradas pola execuçom hipotecária. Outra variável da situaçom da vivenda som as pessoas sem lar, que também segundo dados oficiais, som umhas 4.500 pessoas na Galiza, passando a ser a segunda comunidade de todo o estado com a relaçom mais alta: 133 por cada 100.000 habitantes. Para além, mais de 36 mil casas estam as maos dos bancos. / PÁG. 20

SUPLEMENTO CENTRAL A REVISTA

NO ANTIGO REINO
Viajamos à Comarca de Ortegal da mao de João Aveledo n'A Galiza Natural que nos introduz na estaçom primaveral.

YILLIQIYYA, GALIZA ATRAVÉS DO ÁRABE
C. Calvo oferece a perspetiva que da Galiza tivérom os árabes no Medievo, e que ficou fora da historiografia oficial.

OPINIOM

UM DIA QUALQUER por Lara Rozados / 3

GEOMETRIAS QUE DECIDEM POR NÓS por José Ramom Pichel / 3

MATAR UM PRESIDENTE de Samuel L Paris / 28

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tés algumha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algumha inquietaçom ou mesmo algumha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverám ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, Novas da Galiza reserva-se o direito de publicar estas colaboraçons, como também de resumi-las ou extratá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis. Endereço: pelourinho@novasgz.com

REFLEXONS DA CADEIA

A luita do nosso povo por nos ceivarmos da opressom imperialista espanhola e da exploraçom capitalista, possivelmente atravessará por muitas dificuldades e sacrifícios. Mas nós, o povo galego, ganharemos esta batalha. Nisto há absoluta certeza.

Quando aconteça, tenho intençom de viajar por todo o país para felicitar os nossos e nossas abnegadas compatriotas, militantes e companheiras de luita, e visitar os velhos, que graças a eles mantenhem-se vivas, no seio do povo, as nossas milenárias tradiçons e costumes ancestrais, e a nossa mocidade e crianças como futuro esperançoso, que saberám arvorar a bandeira da Pátria bem alto, para que nunca mais seja assoalhada. Mas hoje, aqui e agora, é necessária a unidade de todas e todos os compatriotas, para como umha só pinha, em estreita unidade prestar-lhe dedicaçom total à classe trabalhadora, ao Povo e à Pátria. É importantíssimo que as revolucionárias e os revolucionários galegos estejamos fortemente unidos, só assim é que poderemos unir e organizar o nosso povo e o conduzir dum sucesso a outro através dumha resolvida luita.

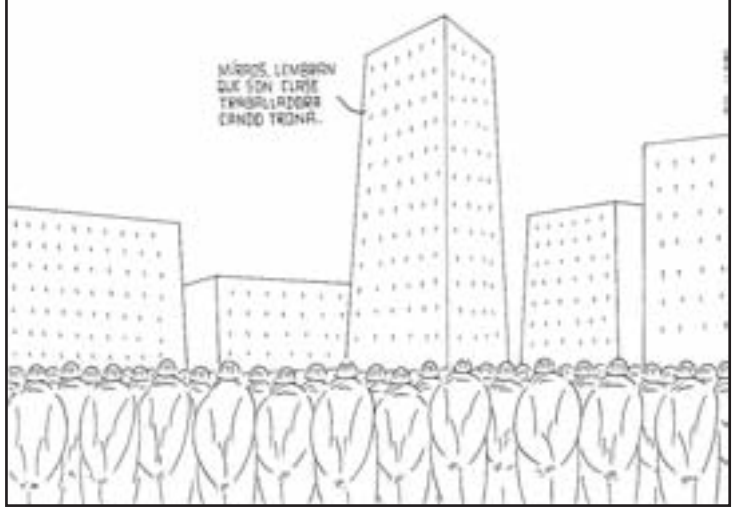
Todo aquele que de verdade se considere um revolucionário deve cuidar e defender a unidade e a unanimidade como a menina dos seus olhos. A consecuçom dumha ampla democracia é a prática regular e séria da autocrítica e a crítica, som os meios mais adequados para consolidar e estimular a solidariedade , a fraternidade e a unidade. Deve existir afeito e camaradagem entre todas e todos os que luitamos por umha Galiza independente e mais prospera.

A nossa mocidade trabalhadora, em geral, é excelente. Está sempre disposta a entregar o melhor de sim mesma, sem qualquer temor ás dificuldades e ansiosas de contribuir ao progresso. Devemos estimular as suas virtudes revolucionárias e prepará-los para que sejam os nossos justos sucessores, tanto "vermelhos" como "expertos" na luita pola liberaçom nacional. É de primordial importância e necessidade preparar e educar futuras geraçons revolucionárias.

Toda a minha vida servi á Pátria, á Revoluçom e ao Povo de todo coraçom e com todas a minhas forças. Agora, quando estou perto dos 60 anos e meu grande desejo é que todas as organizaçons revolucionárias galegas se unam e junto ao nosso povo, unindo as suas forças edifiquemos umha Galiza pacífica, independente, democrática e próspera, e demos uma digna achega à liberaçom doutras naçons.

Telmo Varela

HUMOR PEPE CARREIRO



A QUE JOGA A JUNTA DA GALIZA NO TEMA DE ENCE?

Nom podemos dizer que nos surpreenda o modo de atuar da Junta da Galiza no tema da continuidade de ENCE em Lourizám. Desta volta, e do que respeita à incidência que poderá ter a modificaçom da Lei de Costas na continuidade da empresa além de 2018. Nom fam mais que dar passos para tratar de consolidar ENCE no seu emprazamento.

1º.- No seu momento concedérom-lhe a AAI de forma irregular e mesmo ilegal, sem que existir sequer a solicitude por parte da empresa do perceptivo Informe de compatibilidade urbanística ao Concelho de Pontevedra, fundamentando esta irregularidade na aplicaçom do acordo de supramunicipalidade ditado pola Junta de Fraga no ano 2003.

2º.- Pretendem impedir que o Concelho qualifique como zona verde os terrenos que hoje ocupa a pasteira, propondo que se aprove parcialmente o PXOM de Pontevedra deixando parado o tema de ENCE, para cujos terrenos proponhem a qualificaçom de solo industrial.

3º.- Recorrem a sentença que anulou o plano setorial de ENCE e que implicava a anulaçom da própria AAI.

Atuam como representantes da empresa, defendendo os seus interesses particulares frente à legalidade; por isso da Asociaçom Pola Defesa da Ria vimos qualificando a situaçom como um verdadeiro caso de corrupçom.

Nom cabe mais que exigir à Junta a defesa da legalidade, do médio ambiente e os recursos naturais, da saúde e da economia da comarca, unha defesa que passa pola anulaçom da AAI a ENCE e por manter unha atitude decididamente dirigida a impedir –com a lei na mao- que ENCE continue em Lourizám com posterioridade ao 2018. A mobilizaçom social e a denuncia judicial serám duas vias a utilizar conjuntamente para conseguir este objetivo.

Antón Masa, presidente da APDR

EDITORIAL

Quem matou o Meco? Matamo-lo todas!

Por primeira vez na história recente, a Audiência Nacional (AN) espanhola agitou entre a populaçom galega o monstro jurídico do "enaltecimento do terrorismo". O Monstro é umha aberraçom desapiedada que destrói a quem ousa penetrar no seu feudo. Seja este a cova do dragom ou a solidariedade com os prisioneiros e as prisioneiras políticas, a funçom do relato é condicionar no medo à populaçom, inválida ate que um herói a liberte.

Assim funciona também o engendro do "enaltecimento": a procuradoria da AN ameaça com anos de cadeia a quem portar umha foto dum filho ou ler em públic a carta de umha companheira. Porém, a sabedoria popular guarda mais espaço para as gestas coletivas do que para os Sam Jorges das mitologias do poder. A pesar da 'fim da história' de Fukuyama a linha segue a ser a do "Quem matou Meco? Matamo-lo todas!". A força do coletivo percebe-se quando é a rua a que frena despejos. Ou quando a denúncia da excepcionalidade da 'legislaçom antiterrorista' ganha espaço social.

Acontecia assim num cenário que foi de sempre hostil para estas reivindicaçons e os grupos de AGE e BNG registavam iniciativas no parlamento contra as medidas de excepçom. Ainda num momento de reduçom da legitimidade da polícia e o regime da 'Transiçom', é impossível negar à força coletiva o mérito desta irrupçom nas instituiçons.

A Audiência Nacional espanhola reage perante esta força. Por isso, um ano depois da publicaçom dum vídeo com o que um centro social da Límia celebrava o seu aniversário, ameaça com denunciar quatro jovens por portarem fotos de outras pessoas, ativistas, presas sem condena ainda. Um ano denso em detençons, prisons sem julgamento e sobretudo, um anode umha crescente resposta social que já nom permite que ninguém que se afirme como democrata ignore o conflito.

A maioria da populaçom segue a estar ai fora. Sabe que isso do 'terrorismo' nom existe além das emissons da TVG mas desconhece as vítimas com que o Estado alimenta esse relato e a absoluta vulneraçom dos seus direitos. Afortalar consensos e achegá-los a um "todos" mais extenso deve ser o que o Estado obtenha agitando monstros. Até que um "matamo-lo todos" seja a resposta quando os que se tenhem atribuído o monopólio da violência sequera insinuem algo sobre Meco algum.

EDITORA
A.C. Minho Media

CONSELHO DE REDAÇOM
Iván G. Riobó, Aarón López Rivas, Rubén Melide, Xavier Miquel, Antia Rodríguez García, Raul Rios, Olga Romasanta, Alonso Vidal, Paulo Vilasenin, Xoán R. Sampedro

SECÇONS
Cronologia: Iván Cuevas / **Economia:** Aarón López Rivas / **Agro:** Paulo Vilasenin e Jéssica Rei / **Mar:** Afonso Dieste / **Media:** Xoán R. Sampedro e Gustavo Luca / **A Terra Treme:** Daniel R. Cao / **Além Minho:** Eduardo S. Maragoto / **Povos:** José Antom 'Muros' / **Dito e Feito:** Olga Romasanta / **A Denúncia:** Iván García / **Cultura:** Antia Rodríguez / **Desportos:** Anjo Rua Nova, Isaac Lourido e Xermán Viluba / **Consumir Menos, Viver Melhor:** Xan Duro / **A Criança Natural**: Maria Álvares Rei / **Agenda:** Irene Cancelas / **A Revista:** Rubén Melide / **A Galiza Natural:** João Aveledo / **Gastronomia:** Luzia Rgues., Sino Seco / **Língua Nacional:** Valentim R. Fagim / **Criaçom:** Patricia Janeiro / **Cinema:** Francesco Traficante, Xurxo Chirro

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇOM
Hilda Carvalho, Joám Fernandes, Manuel Pintor, Helena Irímia

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ, Sole Rei, Galiza Independente (GZI-Foto), Zélia Garcia, Borja Toja

ADMINISTRAÇOM
José Viana e Carlos Barros Gonçales

LOGÍSTICA E PUBLICIDADE
José Viana e Daniel R. Cao

AUDIOVISUAL: Galiza Contrainfo

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartin, Pestinho, Xosé Lois Hermo, Gonzalo, Ruth Caramés, Pepe Carreiro, Mincinho, Beto

CORREÇOM LINGÜÍSTICA
Xiam Naia, Fernando Corredoira, Vanessa Vila Verde, Mário Herrero, Javier Garcia, Iván Velho

IMAGEM CORPORATIVA
Miguel Garcia

COLABORAM NESTE NÚMERO
Lara Rozados, José Ramom Pichel, Maria Álvares, André Silva, Vera-Cruz Montoto Vázquez, Charo Lopes, Ismael R. Saborido, Carlos Calvo Varela, Samuel L. Paris, João Aveledo, Rita Vilela, Catarina Vasconcelos, Borxa Toxa, José Manuel Sande

FECHO DE EDIÇOM: 15/03/2013

D. LEGAL: C-1250-02 / As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom do periódico. Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência.

OPINIOM

Um dia qualquer

Lara Rozados

8-3-2013

Querido Diário:

Está sendo um dia muito interessante. Deitei-me à unha depois de escrever umha crítica literária sobre um livro que ainda nom se editou, ainda que foi premiado há dous anos pola mesma AGADIC que agora dirige um senhor com máster em direçom de empresas que se fai fotos agarrando bandeiras da Espanha. Ah, também me tocava pinchar-me. Acordei às nove e pugen a rádio enquanto fazia café. Falavam do índice de pessoas que conduzem baixo os efeitos do álcool, das drogas ilegais e dos psicofármacos (e pensei "claro, que a última vez que apanhei um carro o rasca-se todo se calhar tem a ver com o interferom beta-1 e com a sertralina que me dam os médicos!") E dei-me conta de que tinha que apanhar o autocarro para ir ao hospital por mais interferom beta 1.

O 1 chegou pontual, e tivo que baixar um pouquinho para que puder subir unha senhora maior que andava com cajato. Cheguei pontual ao Hospital, mas ainda nom chegara o meu médico. O pobre desculpou-se muito, mas já lhe digem que nom se passava nada, que entendo que estám colapsados. Ia perguntar-lhe como é o de fazer o cartom sanitário de pessoa sem recursos, porque já há dous meses que deixei de cobrar a prestaçom por desemprego e, ainda que ando a fazer todos os papéis para o PREPARA, nom creio que mo deam. Vai ter razom a vice-conselheira de Saúde da Comunidade de Madrid quando di que nom fai sentido que as doentes crónicas vivamos do sistema! Total, imos morrer igual, para que manter-nos com vida enfermas e inservíveis? ... Ai, que tenho que ir selar o cartom do desemprego!!! 8 de março, de 9h a 11h. Apanho outro autocarro que me leva até a estaçom, e dali baixo correndo à minha oficina (para a semana há unha manifestaçom aqui, tenho de me lembrar! Há tantas... E amanhã outra). Uf, sempre chegando tarde a todas partes (ai, a propósito, que ainda nom paguei o aluguer e as faturas!)... Nom há problema, selam-ma o mesmo, ainda que passem das onze. Bem, marcho que combinei para ensaiar o espectáculo que levamos três anos tentando sacar adiante.

> Incho um balom morado e escrevo com marcador permanente "Aqui sobrevive umha mulher"

> Hoje nom tenho nada a celebrar e muito polo que me zangar e me rebelar. Mas a alegria que nom ma roubem

Polo caminho topo com um amigo que havia muito tempo que nom via, e ia também para a oficina do desemprego. Falamos das carreiras e másteres que figemos ou andamos a fazer (uff, tenho que sacá-lo adiante, que ainda me véu o outro dia a liquidaçom de preços, e, polo que estou pagando, é umha pena que nom o remate), e do difícil que é viver do que sabemos fazer. Mas preferimos estar felizes: ele fai documentários, eu cuido crianças ou dou aulas particulares, e depois, junto com muita outra gente, fazemos teatro, escrevemos, ponhemos filmes, levamos rapazada de excursom, e assim). Chego por fim onde a minha companheira, e damos-lhe unha volta ao texto do espetáculo este. Nom podemos evitar leriar, que gostamos muito de falar, e ela conta-me que nom me preocupe por chegar tarde, que assim aproveitou para fazer a compra. E que tem de volver cedo para a casa para lhe fazer o jantar a seu homem, que é polícia local e ademais está estudando direito. Lembra-se de quando dizia que ele é quem leva os cartos à casa, e digo-lhe "ele pode ser o que leva os cartos porque estás tu para fazer a compra e o jantar". Ao sair, lembrou-se de comprar globos, que no nosso bairro estám pendurando-os polas janelas para assinalar que nas casas vivem ou trabalham mulheres. Deu-me cinco, e de volta à casa, vou vendo comércios, bares (o kebab de abaixo nom, e isso que sempre vejo trabalhando umha moça), alguns fechados, outros que acabam de abrir, com os globos postos. E penso na quantidade de mulheres que haverá trabalhando nas suas casas ou nas casas de outras pessoas que nom tivérom tempo de pendurar globos, ou que estám doentes, ou que som velhas. E penso que há umha parte do mundo que pode ser a que dirige os cartos porque a outra parte do mundo está para suste-la, e cada vez pesa mais. Incho um globo morado e escrevo com marcador permanente "Aqui sobrevive umha mulher".

Querido Diário, sei que escrevo num tom que pode parecer infantil, mas levo um tempo cuidando um meninho pequeno, e estou aprendendo dele muita cousa. Que a alegria é revolucionaria. Hoje nom tenho nada que celebrar e muito polo que me zangar e me rebelar. Mas a alegria que nom ma roubam.

Geometrias que decidem por nós

José Ramom Pichel

As geometrias sempre estão aí, no fundo da mente. Como imaginamos os dias da semana? Horizontais? Verticais? Diagonais? Sobre isto, houve debates entre amigos/as de como é que são percebidos geometricamente os dias da semana, para uns de segunda a sexta sempre verticais e por tanto todos iguais, com aparência de muito mais curtos. No entanto, para outros sábados e domingos são horizontais, e portanto amplos, espaçosos, lugares para perder-se.

E os meses, anos e campo semântico? Há quem os vê como papeis na parede, outros como um clique numa barra num computador, outros como um suspiro, como uma presa.

Mas as geometrias são abissais, sem luz aparente, nadando num lugar que não é a superfície, mas que finalmente condiciona as nossas visões do mundo. O mundo, esses óculos.

Este mundo de agora mesmo, com meteoros que não participam na extinção da corrupção. Este mundo, lugar no tempo com música de claro de lua por baixo, com o grande teatro ruim de governantes laicos e da igreja, exército, grande empresariado e monarquia. O mundo de onde emerge o jogo e o riso, escangalhante ante o mapamundi, construindo uma geometria de novos nós, novas linhas unidas, novas figuras infantis.

> Esses políticos que lutavam por votos, não eram de tudo conscientes de, para todas as pessoas que já nasceram com a Internet, como nós nascemos já com a televisão, a geometria das decisões estar a mudar como nunca na história

Sobre geometrias, um dia perguntei numa mesa de debate de partidos políticos como pensavam que influía o uso das tecnologias digitais na percepção que tinham os seus votantes do rol dos políticos. Deviam continuar a ser intermediários? Responderam que havia que usar mais as redes sociais para chegar a novos votantes, que as novas tecnologias eram muito importantes e *blablabla*.

Ali foi onde fui cconsciente que ainda estava vigente para todos nós, a geometria vertical, esse trilobite. Esses políticos que lutavam por votos, não eram de tudo conscientes que para todas as pessoas que já nasceram com a Internet, como nós nascemos já com a televisão, a geometria das decisões está a mudar provavelmente como nunca na história. A geometria de como é o mundo. Acima e abaixo?

Quando para nós são compreensíveis que haja vértices e base, para muitos deles a geometria tornou-se "Add as a friend" ou "Folhow". Geometria de grafos face a geometria de triângulos. Geometria nova face à velha.

Por isso, a tecnologia está a mudar a geometria de muita gente nova, e a geometria pode emergir em qualquer momento, sem aviso prévio, mudar os óculos e a visão de quem deve decidir. Estade atentos, porque a tecnologia, a geometria, pode que já decidira por nós.

ACONTECE

MULHERES DE VIA CAMPESINA EM COMPOSTELA

A Coordenadora Europeia de Via Campesina mantivo um encontro em Compostela, entre os dias 6 e 8 de março, em que falarom da luita contra a violência machista no rural ou polo reconhecimento dos direitos das labregas na Europa.

HOMENAGEM A HUGO CHÁVEZ EM VIGO

O Consulado da República Bolivariana da Venezuela em Vigo reuniu o passado 6 de março centenas de pessoas para render tributo ao presidente venezuelano, apenas um dia após o seu passamento.

FALECE UMHA MULHER NO CHUVI ENQUANTO AGUARDAVA POR ATENÇOM MÉDICA

Cortes causam o colapso das urgências em Vigo e na Corunha

NGZ / Profissionais sanitários levam tempo a denunciarem a situaçom das urgências nos grandes hospitais galegos, os das áreas sanitárias da Corunha e Vigo, também através do NGZ, numha reportagem publicada no passado número deste jornal (Nº123), no qual falávamos com o portavoz do coletivo SOS-Sanidade Pública, Manuel Martín. Naquela altura, há apenas um mês, Martín assinalava a ocultaçom que por parte do Sergas estava a se fazer das listas de espera, referindo que na área sanitária de Vigo da sua plataforma levavam a conta de que, no mínimo, havia umhas 19 mil pessoas aguardando serem atendidas. Porém, a notícia dos efeitos dos cortes apenas chegara aos meios de comunicaçom empresariais, até que o passado 7 de março os jornais informavam de que o Sergas estava a abrir umha investigaçom para esclarecer as causas da morte dumha mulher que aguardava por atençom médica no serviço de urgências do Complexo Hospitalar Universitário de Vigo (CHUVI). Naquela altura, esqueciam-se os dados maquilhados pola Junta, e falava-se de listas de até 25 mil pessoas a aguardar atençom sanitária apenas em Vigo, por falta de camas.

Enquanto a conselheira de Saúde, Rocío Mosquera, negava o evidente colapso, representantes das trabalhadoras na junta de pessoal do CHUVI, o sindicato Satse e os médicos do complexo alertavam da inexistência de meios humanos para enfrentar a demanda atual, devido a que o Sergas nom estava a cobrir as baixas de pessoal. O pessoal do CHUAC também leva meses denunciando o colapso nos PAC's, assinalando que nom é apenas devido a um surto de pessoas doentes por causa da temporada da gripe, senom que é umha das consequências dos cortes, e do nom cobrimento de vagas, como também o é o feche do COF do Ventorrilho na cidade herculina, que "derivará", em palavras do Sergas, a umhas 61.700 ao COF de Beiramar, que até o de agora já atendia 90.850 pessoas.

A Marinha e Monforte passarám a depender de Lugo

O passado 12 de março concentravam-se em Burela as profissionais sanitárias do Hospital da Costa para se mostrarem contrárias ao Decreto de Gestom Integrada, segundo o qual este centro, junto com o Hospital de Monforte, passará a depender do hospital de Lugo, o HULA. Segundo a Plataforma A Marinha, este modelo de gestom integrada resta-lhe autonomia aos hospitais absorvidos e "já supujo perdas de especialidades nos hospitais do Barco e O Salnês", assim como a "acunhaçom", por parte da conselheira Mosquera, "do termo de 'ambulatorizaçom' para justificar a reduçom de serviços". As plataformas de defesa dos hospitais de Burela e Monforte convocam umha manifestaçom para o vindoiro dia 16 na vila de Lemos.

Junta nom garante qualidade da água em Corcoesto

NGZ / A Plataforma em Defesa de Corcoesto denunciou que a Junta nom lhe está a exigir à empresa mineira publicar em tempo real na sua web os parâmetros de qualidade das águas em todos os pontos de vertido, tal e como pedia a Direçom Geral de Conservaçom da Natureza. Porém, polo seu lado o Parlamento sim exigiu à empresa mineira de Corcoesto um aval, a partir da aprovaçom dumha emenda apresentada polo Grupo Popular e apoiada polo PSOE. Esta emenda insta a Junta a obrigar à companhia concessionária da mina à subscriçom dumha garantia financeira suficiente para responder do cumprimento das obrigas de financiamento e da viabilidade dos trabalhos mineiros, assim como do cumprimento do plano de restauraçom ambiental. No momento de apresentar esta iniciativa, o passado 6 de março, o deputado popular Aurelio Núñez assegurou que a mui criticada declaraçom de impacto ambiental do projeto ajusta-se a todas as normativas legais galegas, estatais e europeias.

CRONOLOGIA

10.02.2013 / Um morto e dous feridos na explosom da nave industrial da empresa Sitagreen em Catabois (Ferrol).

11.02.2013 / Desaparece um marinheiro de Viveiro trás cair à água desde o pesqueiro Ecce Homo a 25 milhas de Cork (Irlanda).

12.02.2013 / AGE abandona o Parlamento galego trás a expulsom David Fernández, quem recebeu três chamadas à ordem em menos de dous minutos por fazer umha brincadeira.

13.02.2013 / Uns 2.000 operários de Navantia Ferrol manifestam-se frente ao Parlamento autonómico.

14.02.2013 / Trabalhadores do Sergas fecham-se nos hospitais de Compostela, Burela, Barco de Val d'Eorras e Salnês em protesta contra os cortes na sanidade.

15.02.2013 / Mais de 2000 pessoas manifestam-se em Marim com os marinheiros afetados polo feche do zona pesqueira de Mauritânia.

16.02.2013 / Perto de 5.000 pessoas nas marchas contra os despejos de Vigo, Compostela, Corunha, Lugo, Ferrol, Ourense, Ponferrada e Cangas.

17.02.2013 / Mais de 1.000 pessoas, segundo a organizaçom, manifestam-se em Coristanco contra a instalaçom da mina de Corcoesto.

18.02.2013 / Morre um homem enquanto trabalhava nas vias do trem nas Campas (Castro Pol).

19.02.2013 / Plataforma Galega das Artes Cénicas reclama numa concentraçom frente à sede da Agadic, a demissom de Jesús Vázquez e Anxo Lorenzo polo "desmantelamento" da cultura.

20.02.2013 / Começa umha greve indefinida na mina a céu aberto de Tormaleu (Íbias), propriedade de Vitorino Alonso.

21.02.2013 / Frota de Burela e Celeiro fica amarrada no porto para reclamar mais quota.

22.02.2013 / Vigo converte-se na primeira cidade galega em proibir os circos com animais.

23.02.2013 / Dez mil pessoas marcham na Corunha com a maior manifestação de afetados polas participaçons preferentes.

24.02.2013 / Manifestaçom em defesa do setor naval junta umhas

PROVAM AVIOM ESPIA EM ROZAS

O aeródromo de Rozas (Castro de Rei), propriedade do Ministério de Defesa espanhol, foi testemunha da prova dum aviom espia em que fôrom investidos 25 milhons de euros. A aeronave nom tripulada, que estivo custodiada por segurança privada, iniciou as provas de aceleraçom em pista há já 15 dias.

PARALISAÇOM DEFINITIVA DO PORTO DE CANGAS

A empresa Residencial Marina Atlântica renunciou à concessom da Autoridade Portuária para a construçom do Porto desportivo de Massó. O Concelho, a Confraria e o Foro Social de Cangas parabenizárom-se ao conhecerem a notícia, e falárom de abrir um debate a partir do qual se chegue a um consenso sobre o futuro da zona.

A cultura mobiliza-se “contra a mentira”

O NOVO DIRETOR DE AGADIC, DE PERFIL ECONOMICISTA, JUROU O SEU CARGO COM UMHA MAO SOBRE A BÍBLIA

NGZ / Com umha mao sobre a Bíblia, e evitando a imprensa. Assim jurava o seu cargo o novo diretor da Agadic (Agência Galega das Indústrias Culturais), Jacobo Sutil, umha pessoa com um perfil mais economicista do que relacionado com a gestom cultural, facto polo que lhe chovérom à Conselharia de Educaçom e Cultura, às poucas horas de ser conhecido o eleiçom, as primeiras críticas. A vaga levava cinco meses vazio, após o abandono de Juan Carlos Fasero -quem marchou para dirigir a SGAE na “zona noroeste”-, e a designaçom de Sutil, quem trabalhou com anterioridade como diretor administrativo-financeiro da construtora San José, nom convenceu ao setor da Cultura.

Porém, no acto estivérom presentes, além de familiares e membros da “cultura oficial”, vários representantes da Plataforma Galega das Artes Escénicas e Musicais, cujo portavoz, Salvador del Río, valorou o discurso de Jacobo Sutil como "breve" e válido como declaraçom e intençons. “Nós estamos à espera de que se ponha ao dia e oferecemos diálogo e trabalho para sair da situaçom em que estamos, aguardamos que nos receba e começar a trabalhar”, acrescentou.

A cultura, “um gasto e nom um investimento para o PP”

Porém, poucos dias depois, o passado dia 12 de março, membros da Plataforma Cultura contra a mentira eram expulsos da tribuna de convidados do pleno do Parlamento, justo durante a intervençom do conselheiro Cultura, Educaçom e Ordenaçom Universitária, Xesús Vázquez. Vázquez, quem estava a comparecer na sessom plenária da Câmara para explicar o "itinerário de açons e políticas" que desenha a sua Conselharia para a presente legislatura, evadia falar da crise da indústria cultural, e tampouco explicava os motivos da eleiçom de Jacobo Sutil como director da Agadic, pese a que o mundo da cultura criticou com dureza que este nom tenha nada a ver com o espaço que a partir de agora deverá dirigir.

As pessoas expulsas levavam na mao umha “carta de amor” dirigida a Feijoó em que assinalavam, entre outras cousas em chave de humor, que a cultura é “um investimento e nom um gasto”, algo que, assinalam, “deve prevalecer na vontade política”, já que som os poderes os que devem garantir o “acesso à cultura, o desenvolvimento pessoal e comunitário e a defesa da identidade cultural”.

Imputam Conde Roa por tráfico de influências e suborno

NGZ / No passado 14 de Fevereiro a morada do ex-alcalde compostelano Gerardo Conde Roa era registada, subtraindo várias caixas de documentaçom. Ainda que nom foi posto nesse mesmo dia a disposiçom judicial, umha semana depois foi chamado a declarar pola juíza Pilar de Lara, pessoa quem ouviu durante nove horas o seu testemunho em relaçom a delitos cometidos entre Junho de 2011 e Abril de 2012, quando era alcalde. A magistrada declarou a sua liberdade com cargos, imputando-o polos delitos de prevaricaçom, tráfico de influências e suborno.

Estas acusaçons estám dentro na operaçom Manga, na que também está implicado o ex concelheiro de Segurança cidadá Albino Vázquez Aldrey, quem ficou recentemente em liberdade sob fiança. A imputaçom de Conde Roa está também relacionada com as acusaçons do diretivo de Aquagest, José Luís Míguez, e o que fora sua mao direita no governo local, Ángel Espadas. Ambos se topam na cadeia. É preciso recordar que Conde Roa demitiu do seu cargo após ser imputado num delito de fraude fiscal ainda pendente de juízo.

Outros casos de corrupçom

Na passada sexta-feira a mesma juíza tomou-lhe declaraçom a Argimiro Marnotes, alcalde do Carballhinho (PP), imputado por tráfico de influências e revelaçom de segredos no marco da operaçom Pokemon. O alcalde saiu sem medidas cautelares nem fiança, mas imputado polo seu vínculo com Vendex. Descartou demitir e atribuiu a sua implicaçom nesta operaçom a umha “vendetta de Vendex”, já que Marnotes decidiu paralisar o serviço da ORA no seu concelho a causa dumha promessa eleitoral.

CRONOLOGIA

30.000 pessoas, segundo a organizaçom, polas ruas de Ferrol.

25.02.2013 / O despejo de Aurelia Rey é anulado trás alcançar um acordo com os proprietários do imóvel. É a primeira vez que o movimento anti-despejos paralisa umha sentença firme.

26.02.2013 / Centos de pessoas, convocadas pola Plataforma Galega em defesa dos Serviços Públicos e coletivos universitários, protestam diante do Parlamento Galego na aprovaçom dos orçamentos.

27.02.2013 / Afetados e afetadas polas preferentes ocupam a casa do concelho das Neves e forçam a suspensom do pleno. No dia seguinte protestarám do mesmo modo em Nigrám e Redondela.

28.02.2013 / Trabalhadoras da conserveira Cuca de Vila Joám impedem que se retirem as máquinas da fábrica.

01.03.2013 / Pescanova solicita pré-concurso de acredores.

02.03.2013 / Concentraçom contra o desmantelamento do Hospital da Costa em Burela remata com cargas policiais. Em Ferrol, 5.000 pessoas marcham em defesa da sanidade pública.

03.03.2013 / Umhas três mil pessoas, convocadas por numerosas forças nacionalistas de esquerda, manifestam-se em Santiago reclamando a rotura democrática e um processo constituinte galego.

04.03.2013 / Mesa pola Normalizaçom Linguística denúncia que um paciente do SERGAS foi obrigado a adiar umhas provas de pré-operatório por solicitar a documentaçom em galego.

05.03.2013 / Morre umha mulher no serviço de urgências do Complexo Hospitalário Universitário de Vigo enquanto aguardava para receber atençom médica.

07.03.2013 / Morre um trabalhador português em Santa Comba (Lobeira) ao cair-lhe acima a árvore que estava cortando.

08.03.2013 / Centos de pessoas concentram-se na Corunha contra o feche do Centro de Orientaçom Familiar do Ventorrilho.

09.03.2013 / Mais de 2500 vizinhos de Chapela, segundo os organizadores, protestam pola ampliaçom da AP-9 em Redondela e na ponte de Rande.

ALMUINHA DENUNCIA IRREGULARIDADES EM SUBVENÇONS

A Associaçom Cultural Almuinha de Marim criticou o Concelho por "falta de objetividade" na concessom de subveçons culturais, e exigem-lhe que revalorize a adjudicaçom das ajudas. Da associaçom lembram, aliás, que levam trabalhando mais de cinco anos em prol da defesa da língua e cultura galegas na vila.

MOÇOM DE CENSURA FRUSTRADA EM VIMIANÇO

A moçom de censura contra o regedor do BNG Manuel Antelo, que foi impulsada por sete edis -dous do PP, dous do PSdeG, e três independentes- foi frustrada devido a que os promotores da mesma nom a tinham tramitado conforme a legalidade vigente. Caso sair adiante, seria a segunda do ano, após a de Vilamartim de Valdeorras.

RAFAEL PENHA, RESPONSÁVEL DAS SECÇONS SINDICAIS DA CIG NO AEROPORTO DE LAVACOLHA

"Estám a adelgaçar as equipas para privatizar a gestom dos aeroportos"

A.L. / A problemática laboral que está a enfrentar o setor aeroportuário galego é todo um exemplo de como opera na atualidade o capitalismo mais selvagem. A irrupçom das empresas de baixo custo, com certeza, produziu umha profunda baixada das condiçons laborais de trabalhadoras e trabalhadores nas terminais aéreas; ao tempo, está-se a potenciar umha sociedade com o consumismo como sustento. O sindicalista Rafael Penha expom como a ausência dumha planificaçom para o desenvolvimento dos aeroportos galegos está a dar como resultado umha maior exploraçom laboral, a reduçom de destinos ou investimentos estatais de centos de milhons de euros cujos resultados som centos de pessoas que ficam sem trabalho neste setor.

XAVIER CARRIBA

Qual é a situaçom a nível geral do panorama do setor aéreo galego?
A situaçom do setor aéreo galego é tremendamente complicada. Umha vez se fechem todos os EREs que há abertos vam-se perder entre uns 400 ou 500 postos de trabalho. Sem esquecermos que nos últimos anos fijo-se um investimento em matéria de infra-estruturas aeroportuárias entorno aos 800 milhons de euros: a nova terminal de Lavacolha, a ampliaçom da terminal de Peinador em Vigo e a ampliaçom da pista de Alvedro.

Quantos EREs há abertos?
Por um lado está o ERE aberto em AENA, o ente gestor dos aeroportos, que no caso de Lavacolha afeta a 42 trabalhadores com mais de 55 anos que vam ser pré-jubilados e cujos postos de trabalho já nom se vam cobrir. Em toda Galiza haverá arredor de umhas 80 pessoas trabalhadoras afetadas apenas por este ERE. Detrás de todo isto há um processo de privatizaçom que está a adelgaçar as equipas para depois poder vender a gestom dos aeroportos a empresas privadas. Ao mesmo tempo, está-se a produzir um reajuste nas contratas dos serviços que se topam liberalizados como a seguridade privada, a gestom de cafetaria, tendas, assistência a pessoas com mobilidade reduzida, limpeza... AENA nos últimos pregos de condiçons fijo um reajuste que vai do 10% ao 15%, o que está provocando que se estejam a produzir despedimentos também nas contratas. Em resumo, vai-se dar pior serviço e ao mesmo tempo estám-se-lhe a incrementar as taxas aeroportuárias aos passageiros. A nós isto parece-nos umha estafa. Aliás, subiu-se o estacionamento para os trabalhadores e trabalhadoras num 60% ou aumentou-se o aluguer às empresas que operam no aeroporto.

A respeito das companhias aéreas, eis é onde se está a produzir a maior dureza. Por um lado, a desapariçom de Newco provocou uns 30 despedimentos em Lavacolha, em Vigo outro tanto e na Corunha sobre os 50-60 postos de trabalho. Por que passou isto? Porque Newco tinha umha dependência de Spanair e quando esta quebrou, levou-na consigo; praticamente nom tinha nenhumha companhia aérea mais para poder trabalhar com ela. Nos últimos anos produziu-se um processo de liberalizaçom no setor que provocou que entraram nos aeroportos empresas de baixo-custo que tenhem o seu próprio pessoal para os serviços de terra e que contam com umhas condiçons de trabalho mui precárias. Isso é o que está a provocar que, por exemplo, em Iberia se estejam a enfrentar ao maior ERE da história da empresa que, no caso da Galiza, há-de afetar a umhas 120 pessoas.

> "Vai-se dar pior serviço e estám-se a subir as taxas aos passageiros"

> "As companhias aéreas chantageiam as administraçons"

Como se introduzem as companhias de baixo-custo nos aeroportos galegos?
Fôrom introduzidas na Galiza no ano 2005 por umha decisom política e entrárom através de subvençons. Os concelhos com aeroporto e a Junta de Galiza decidírom fina nciar umha série de voos com este tipo de companhias. Num primeiro momento, nom tivo um grande impato a nível laboral, mas sim a meio prazo. Estas companhias aplicárom o que se chama um 'dumping' laboral, quer dizer, entrárom em rutas que já existiam, rompendo assim o mercado com bilhetes barateiros e varrendo a competência, provocando que as empresas do setor aéreo foram reduzindo paulatinamente a sua presencia nos aeroportos.

Tiremos um exemplo da implantaçom das companhias de baixo-custo. A dia de hoje em Lavacolha representam o 65%. Meteu-se um monstro dentro, alimentou-se e agora mesmo, sobretodo no caso de Compostela, gerárom umha dependência enorme. Se agora mesmo desaparecem de golpe, o custo a nível de postos de trabalho pode ser brutal. Há que lembrar que Ryanair tem um contrato em vigor com a Junta até finais de 2013 que nom se sabe que vai passar com ele.

Como funciona essa política de subvençons?
Cada concelho dá-lhe subvençons a diferentes companhias aéreas, de baixo-custo ou nom; por exemplo, Corunha destina 4 ou 5 milhons anuais, Vigo outro tanto... No caso de Compostela é a Junta quem tem convénios de patrocínio com esse tipo de companhias e sem nenhum tipo de coordinaçom, o que provoca, entre outras cousas, que se tripliquem as rotas. As companhias aéreas alegram-se, como nom há umha política aeroportuária galega que seja capaz de manejar e coordenar os aeroportos, fam-lhe chantagens às administraçons públicas com: 'ou me dás isto ou deixo de operar nos três aeroportos' e os concelhos e a Junta entram nesse jogo. Nós cremos que o setor aeroportuário na Galiza é estratégico, sobretodo no caso de Compostela, onde praticamente nom há indústria e a terminal de Lavacolha é um centro de trabalho que dá emprego a mais de 1.000 pessoas. Por isto pensamos que devem transferir-se as competências do sistema aeroportuário galego. O Estado espanhol tem o sistema aeroportuário mais grande em número de aeroportos de Europa e na prática é o mais centralizado. Tem muitos aeroportos mas a carga de trabalho está focalizada em mui poucos, o resto praticamente estám abertos por estar.

Há outro setor mui importante relacionado com o setor aeroportuário que é a carga. Praticamente a carga reduziu-se arredor dum 80% nas três terminais por ineficácia e incompetência política. Por tirar um exemplo, o grupo Inditex, que é a maior multinacional do mundo, utiliza como aeroporto de referência Zaragoza para transportar a sua carga, o grupo Pescanova utiliza Vitoria... Nós entendemos que um processo de especializaçom deve ser a saída e o futuro do setor aeroportuário galego, ao menos umha das terminais galegas deveria estar dedicada exclusivamente à carga, o que geraria um grande número de postos de trabalho. É aberrante que as grandes companhias galegas empreguem terminais de fora, quando aqui há três operando ao 50% da sua capacidade.

MOBILIZAÇONS NO DIA DA CLASSE OPERÁRIA GALEGA

Os sindicatos CUT e CIG, e os madrilenos CCOO e UGT nas suas secçons na Galiza voltarom às ruas, este 10 de março. Nas mobilizaçons voltou-se a berrar pola dignidade da luita da classe trabalhadora, polo direito a um emprego digno, à negociaçom coletiva e à soberania nacional.

ERIMSA NOM PODERÁ EXPLORAR NA TERRA CHÁ

Tribunais rejeitárom o último dos cinco recursos contencioso-administrativos que a empresa norueguesa Erimsa apresentara contra os Concelhos de Castro de Rei, A Pastoriza e Cospeito, por entender que lhe foram concedidas por silêncio administrativo as licenças para a exploraçom do seixo da zona.

Ferrín abandona a RAG denunciando deslealdades de alguns académicos

A ACADEMIA PEDE-LHE AO SUPREMO QUE ANULE O 'DECRETO DO PLURILINGÜISMO'

NGZ / O abandono do presidente da Real Academia Galega, Xosé Luís Méndez Ferrín ainda tem o seu lugar nos meios de comunicaçom empresariais. A poucos dias do feche de ediçom deste jornal, o passado 12 de março, o jornal corunhês *La Voz de Galicia* recolhia declaraçons do naquela altura responsável principal da Academia, quem situava "no terreno das cloacas" as "deslealdades dalguns académicos". A renúncia do escritor ourensano devia de se formalizar a passada quarta feira 13 de março, num plenário em que faziam público o próprio Ferrín e o secretário da RAG, Xosé Luís Axeitos, justo um dia antes, numha conferência de imprensa. Ali, Ferrín e Axeitos falárom do "fundo malestar" existente na executiva da instituiçom pola filtraçom aos meios da ordem do dia desta reuniom. Dita filtraçom levou o presidente da RAG a remitir nos passados dias um correio eletrónico aos 27 membros da corporaçom, lembrando a obriga estatutária de guardar o segredo das deliberaçons do plenário da Academia, e das comunicaçons internas enviadas pola executiva.

O passado 25 de fevereiro conhecia-se a carta de demissom de Méndez Ferrín, em que o escritor assinalava que "Outros académicos e académicas, unidos a pessoas externas, figérome sentir que nom tenho sítio na Academia". No mesmo dia, *La Voz* alimentava a polémica, publicando umha entrevista com Axeitos, na qual este atribuía os "ataques" dum setor de académicos ao intento de destacados membros do Conselho da Cultura Galega e do Instituto da Língua Galega de "colonizar a Academia", acusaçons que, posteriormente, fôrom rejeitadas por ambas as duas instituiçons no mesmo jornal, e com ambos comunicados próprios.

"O idioma vale mais que o Pórtico da Gloria"

Por outro lado, Ferrín também anunciou ante os meios de comunicaçom que a RAG acaba de apresentar um recurso de cassaçom perante o Tribunal Supremo no qual se pede a "anulaçom total" do polémico texto conhecido popularmente como o Decreto do galego ou Decreto do Plurilingüismo. Deste modo, a Academia busca que este tribunal emende a resoluçom ditada o passado novembro polo Tribunal Superior de Justiça da Galiza, que anulava dous artigos da norma da Junta (o relativo à consulta do idioma a pais e maes e o que permite ao alunado escolher em que língua quer se expressar na sala de aulas), e que tombe por completo o que foi qualificado como "o decreto da discórdia".

Mobilizaçom pola soberania nacional

NGZ / Vários milhares de pessoas manifestárom-se no passado dia 3 de março "polo direito ao trabalho, à igualdade, aos serviços públicos e à plena soberania nacional galega". A marcha foi convocada por AMI, BNG, Briga, CCPI, CIG, COG, FRUGA, MpB, Liga Estudantil Galega, Comités, Isca!, Agir, Galiza Nova e Nós-UP, sendo salientável a ausência de Anova, embora participasse nas juntanças de preparaçom da iniciativa unitária. Por sua banda, o MpB, integrado na formaçom de Beiras, e a própria assembleia compostelana de Anova sim apoiárom a manifestaçom.

Ao que parece, nos últimos tempos está a se artelhar umha até agora inédita unidade de açom entre forças de diversas correntes do soberanismo galego, toda vez que o BNG realizou umha viragem no seu discurso após a assembleia de Ámio. A própria manifestaçom do dia 3 em Compostela foi precedida de concentraçons comarcais em que participárom os diversos setores que depois participariam na marcha do dia 3 na capital do país.

Alimentos Lácteos nom vê futuro

NGZ / Se o mês passado informávamos sobre um possível futuro da fábrica de Outeiro de Rei, pola confirmada ajuda da administraçom, umha nova gestom da mao dum responsável de Pascual -e a iminente entrada dum sócio industrial-, parece ter botado todo a perder; um sócio que nom aparece, a Junta que esquece o prometido e umha gestom que advoga por chegar a concurso de acreedores. Por enquanto, os postos de trabalho de Alimentos Lácteos (AALL) já vam caminho de aumentar a listagem das pessoas desempregadas.

AALL comunicou o paro total da atividade na fábrica e o paro da recolhida de leite, o qual pode durar entre 30 ou 60 dias. No momento em que se escrevem estas linhas, a empresa acha-se em fase de pré-concurso, e está-se a negociar um ERE para as trabalhadoras e trabalhadores.

Neste momento fala-se dum ERE do 90% dos trabalhadores, com umha duraçom de 6 meses. A CIG alerta dumha manobra que conseguirá que caduquem as indemnizaçons estabelecidas por Pascual e forçará a entrada em concurso da empresa, o que implicaria a possível perda de todos os postos de trabalho.

As promessas da Junta de fornecer um futuro para as cooperativas leiteiras num ilusionante projeto industrial galego -como o referente asturiano- fôrom incumpridas desde o primeiro momento em que a Junta intervém diretamente na eleiçom do gestor. Com a gestom atual produz-se o desmantelamento da indústria, e ficando em evidência a fraude do compromisso que publicamente adquiriu a Junta com o projeto.

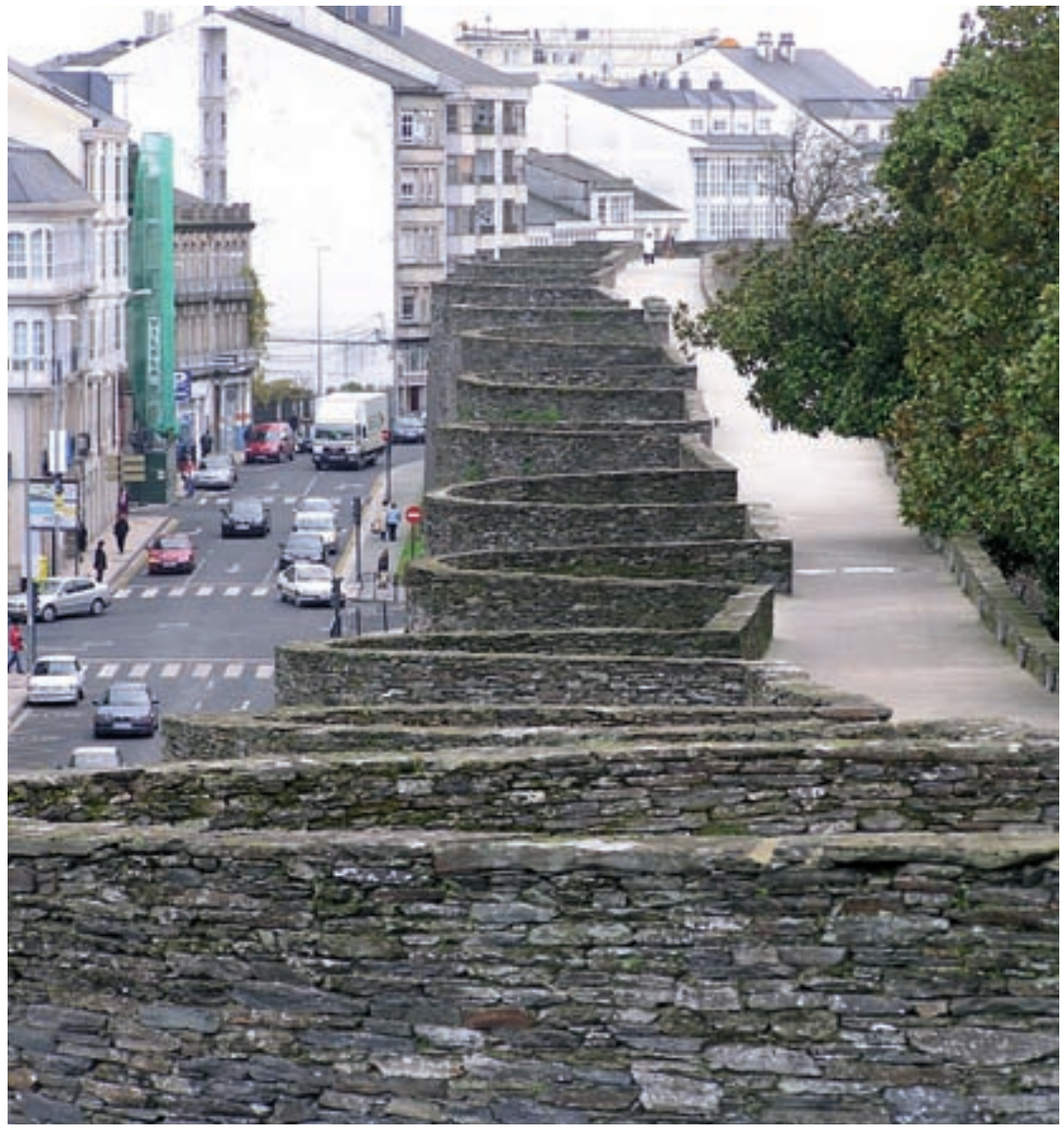
Núcleos galegos superam o índice de poluiçom aconselhado

NGZ / Um informe publicado recentemente pola OMS alertava sobre o impacto da poluiçom atmosférica e pedia à UE o estabelecimento de valores mais estritos na legislaçom ambiental. Enquanto esta entidade permite umha media anual de 25 ug/m3, o organismo mundial já advertira em 2005 que o umbral de seguridade nom devia ser inferior aos 10 ug/m3. A raiz dos dados presentes neste documento, ADEGA realizou umha análise do caso galego, concluindo que em vários casos supera amplamente as percentagens de partículas em suspensom recomendadas pola OMS para a proteçom da saúde.

Na Galiza superam o limite fixado pola OMS núcleos como Corunha, Marim ou Compostela, cidade onde no inverno do passado ano chegárom a alcançar quotas de 48,51 ug/m3. Pontos como Ferrol, Lugo ou Ourense nom medem as partículas PM2.5. ADEGA qualifica esta situaçom como "preocupante", afirmando que a inalaçom de partículas finas como pesadas pode causar graves problemas respiratórios. De facto, a OMS reconhece que estas estám relacionadas com maiores índices de mortalidade e morbilidade. A associaçom ecologista reivindica medidas por parte da Administraçom para que se rebaixem estes índices de poluiçom.

Mexilhom neozelandês ameaça saúde das rias

NGZ / O mexilhom pigmeu negro (originário de Nova Zelândia) foi registado por primeira vez na ria de Vigo no ano 2005 e agora já foi afincado na ria de Pontevedra e em poucos meses tem-se previsto que chegue à de Arousa. Este bivalve é altamente colonizador já que se adapta rapidamente ao ecossistema e tem umha maior capacidade de viver nas rias galegas. De facto, segundo um estudo feito há uns meses conclui que na ria de Vigo fôrom achados 67.000 indivíduos por metro quadrado, enquanto que na ria de Pontevedra havia 18.425/m2. No estudo também se assinala que o vetor da introduçom seria a importaçom de ostra japonesa desde o Pacífico. Ademais finaliza com umha crítica à Junta por nom investir dinheiro na erradicaçom das espécies invasoras.



DENUNCIAM QUE A RONDA OESTE INVADIRIA ZONA RURAL NA MARGEM DIREITA DO MINHO

Denúncias ecologistas ao Plano Setorial viário de Lugo

NGZ / A Agência Galega de Infraestruturas da Conselharia de Médio Ambiente, apresentou o passado mês de fevereiro o rascunho do Plano Setorial da Rede Viária de Lugo. A associaçom ambientalista ADEGA, denuncia o grave impato ambiental que podem ter, caso de prosperar o rascunho, a Ronda Oeste Exterior assim como a extensom da Ronda Leste. O projeto da Ronda Oeste invadiria toda a zona rural da margem direita do rio Minho, zonas que atualmente estám protegidas polo Plano Estratégico e o Plano Geral de Ordenaçom Urbana de Lugo. Pola sua parte a Ronda Leste também vai afetar de forma considerável ao entorno do Rio Rato, afetando as derradeiras massas boscosas e eliminando definitivamente o chamado Cinto Verde da cidade amuralhada, que a maioria das forças políticas locais diziam preservar.

Estradas desnecessárias

Para Adega, ademais do impato ambiental, estas infraestructuras som inecessárias já que polo que respeita à Ronda Oeste, umha estrada com um percurso semelhante à nova ronda que se quer realizar e com umha capacidade suficiente para assimilar o trânsito da cidade e de toda a zona do norte da Galiza. Polo que respeita à Ronda Leste propôm-se para dar serviço ao Hospital Universitário HULA, que atualmente já se utiliza a autoestrada para chegar ao hospital sem custo algum para às pessoas usuárias. Adega também denuncia a necessidade dumha avaliaçom ambiental estratégica de todo o planejamento, tal e como se contempla na lei 9/2006 de avaliaçom de planejamentos. Finalmente a entidade ecologista pede um Plano Setorial "realista, austero, favorecedor dum meio rural vivo, respeitoso com o entorno e que nom suponha umha ferramenta para outros interesses, como os urbanísticos".

'MARCHA VERDE' SOBRE MADRID
pola democracia paroquial no passado mês de setembro

A PERMANÊNCIA DE MANCOMUNIDADES E ENTIDADES LOCAIS MENORES EM PERIGO

Anteprojeto para 'racionalizar' Administraçom Local fortalece as Deputaçons

NGZ / O Executivo espanhol vem de aprovar o anteprojeto de lei para a racionalizaçom e sustentabilidade da Administraçom Local em que se impulsam umha série de cortes que erguérom discrepâncias em diferentes políticos municipais de todas as cores políticas e que ferem profundamente às entidades locais menores. Assim mesmo, a proposta do Governo espanhol dota de maior força às Deputaçons provinciais e pode restar competências aos Concelhos.

Esta nova legislaçom abriria um processo de avaliaçom dos serviços municipais por parte do Ministério de Fazenda para fazer umha revisom dos serviços que prestam os Concelhos, podendo passar, nos concelhos de menos de 20.000 habitantes, algumhas das suas competências às Deputaçons caso do Estado as considerar impróprias para a entidade municipal. Assim, correm perigo as mancomunidades e as entidades locais, que se verám afetadas por tal processo de avaliaçom sendo dissolvidas, de nom o superar, e passando as suas competências também às Deputaçons provinciais.

Iniciativa em favor das paróquias

Após conhecer este anteprojeto, o Partido da Terra iniciou umha série de atuaçons na defensa da personalidade jurídica das paróquias. Assim, apresentou aos quatro partidos da câmara autonómica um rascunho de proposiçom nom de lei no que salienta que, segundo o Estatuto de Autonomia, é competência da Junta da Galiza promover umha legislaçom para "reconhecer personalidade jurídica à paróquia rural" como entidade local própria. O anteprojeto que se está a estudar em Madrid contempla que as entidades menores ao Concelho nom contam com personalidade jurídica própria, polo que do Partido da Terra pede-se que se interponha um recurso de inconstitucionalidade.

O SINDICALISTA ESTIVO DOUS ANOS EM PRISOM

Telmo Varela na rua à espera de recurso

NGZ / Telmo Varela saiu do cárcere de Topas após passar dous anos de prisom preventiva. Isto acontecia depois de que o advogado apresentasse um recurso de apelaçom à sentença do julgamento contra este sindicalista viguês e Miguel Nicolás, também ativista na mesma cidade. A condena para Telmo seria de quatro anos de cadeia ao estar considerado culpável de um delito de depósito de explosivos, mas a o juiz acordou a sua posta em liberdade enquanto nom se resolver o recurso e por levar o preso galego cumprida já a metade da sua condena. A Miguel Nicolás a sentença que se acha recorrida, e que chegou após um processo salpicado de irregularidades, considera-o responsável de um delito de danos e condena-o a dous anos de prisom, se bem nom teria de cumplí-la por passar mais de um ano em preventiva.

Imputaçom sem provas contra Carlos Calvo

A Audiência Nacional imputou ao preso independentista Carlos Calvo num novo processo e acusa-o da colocaçom de um artefato em Vigo em 2011, um expediente que se atopava fechado ante a falta de indícios para esclarecer a autoria dos feitos. No momento, o prisioneiro galego está à espera da resoluçom de um recurso contra a sua prisom preventiva polo que, segundo denúnciam da Rede de Apoio a Carlos Calvo, esta decissom do tribunal apenas teria como finalidade atrancar a sua posta em liberdade.

Finalmente, o preso independentista Hadriám Mosquera 'Senlheiro' será transladado à prisom de Villabona, em Astúrias. No momento de feche deste jornal, Mosquera cumpria dous meses no centro penitenciário madrilenho de Soto del Real baixo regime FIES, à espera do citado deslocamento.

Imputam quatro pessoas por "enaltecer o terrorismo" num lipdub

NGZ / A fiscalia da Audiência Nacional vem de imputar a quatro vizinhas de Ginzo da Límia por exibirem fotos dos e das presas independentistas num vídeo musical filmado nas ruas da vila. O audiovisual, realizado polo centro social Aguilhoar em março de 2012 com o permisso do concelho, comemora os sete anos de atividade do local. Ante a câmara passam pantalhas de entruido, um matraquilho, um Apalpador, um jogador da seleçom galega, a festa de mouros e cristiaos da Sainça, bandeiras das naçons sem estado e fotos das pessoas que nesse momento achavam-se presas pola sua ideologia.

No momento da gravaçom todos os presos, agás Santiago Vigo e José Manuel Sanches, estavam à espera de juízo, e desde aquela só Telmo Varela e Miguel Nicolás fôrom sentados no banco dos acusados. Aliás, a dia de hoje nom existe umha sentença que afirme a existência dumha organizaçom terrorista na Galiza.

Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a **NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela**

Nome e Apelidos ____ Tel. ____
Endereço ____ C.P. ____
Localidade ____ E.mail ____
☐ NºConta ____
☐ Junto cheque polo importe à ordem da A.C. Minho Media

ASSINATURA

☐ Subscriçom + livro = 35 €
☐ Subscriçom anual = 24 €
☐ Subscriçom + pack bilharda = 30 €
☐ Subscriçom + duplo pack bilharda = 35 €
☐ Assinante Colaborador/a = ____ €

MAR

Pescanova ou jogar a que a Galiza me salve

A. DIESTE / A multinacional apresentou pré-concurso de acredores provocando que poderes económicos galegos e a Junta da Galiza se formulem injetar dinheiro para salvá-la, aliás de juramentar-se para manter o presidente atual, Manuel Fernández de Sousa-Faro, com a etiqueta de galego e frear as operaçons de acionistas estrangeiros.

Pescanova solicitou pré-concurso de acredores e convulsionou o mundo económico-financeiro galego e também o tecido político e mesmo social. De repente, Pescanova sacou a bandeira de empresa galega 100%, quando até o de agora presumia de multinacional com sé em Chapela-Ponte Vedra-Espanha. Foi ter notícia desse movimento e surgir vozes de confederaçons de empresários, como a de Ponte Vedra, ou da Junta da Galiza assegurando o máximo apoio a esta empresa. Justo o que aguardava o seu presidente, Manuel Fernández de Sousa-Faro.

À hora de explicar porque Pescanova deu este passo juntam-se várias razóns: umha expansom do negócio aquícola que implicou fortes investimentos para os que tivo que procurar financiamento, umha divida superior aos 1.500 milhons (e com um crédito bancário sindicado de 150 milhons e negaçom de um aprazamento no pagamento por parte de 6 dos 22 bancos participantes) e diferenças e luitas internas entre acionistas de peso. No que atinge a este último ponto, a segunda e a terceira acionista de Pescanova (a cervejeira Damm e a sociedade de investimento Luxempart, que somam perto de 12% das açons) nom assinárom as contas de 2012. E do ámbito de Fernández de Sousa-Faro (com 14% dos títulos), atual presidente, aponta-se que Demetrio Carceller, máximo responsável de Damm, quer aproveitar esta crise para controlar a firma.

Há analistas que consideram que com a petiçom de pré-concurso o presidente de Pescanova atingiu o que procurava: das cúpulas de empresários saírom vozes que apontavam o caráter sistémico desta empresa para a Galiza e pedem um compromisso forte nom só para evitar a sua queda, mas também para manter a "galeguidade" da mesma. De fato, dos círculos empresariais estám a pedir à Junta que apoie e colabore na criaçom de um grupo de acionistas galegos que entrem na empresa, injetem financiamento e fagam de dique de contençom contra os movimentos "externos". Umha definiçom, esta última, com a qual se fai referência a Demetrio Carceller, proprietário do grupo Damm, segundo acionista de Pescanova (com 6,2%). O presidente da empresa, no alvo das críticas de certos setores de Pescanova pola sua gestom, passou de ter quase três de cada 10 açons em 2010 a 14,2% atual.

Sempre Don Manuel

É preciso lembrar que a Junta de Manuel Fraga mobilizou 42 milhons de euros em 1995 para evitar que Pescanova, que atravessava umha crise, acabasse em maos da holandesa Unileven. O próprio Igape comprometeu 80% do seu orçamento num exercício para avaliar esse salvamento. Dinheiro de todos os galegos para salvar umha empresa amiga da Junta. Como hoje.

Por outra lado, no primeiro semestre de 2012 a remuneraçom recebida pola diretiva de Pescanova foi 15% superior ao mesmo período do ano anterior, sendo de 1,37 milhons de euros fronte os 1,19 milhons do exercício anterior. Nom se publicárom as contas anuais completas, portanto faltam por conhecer os dados do segundo semestre.

AGRO

Produçom cárnica consome quatro vezes mais antibióticos que os humanos nos EUA

A RESISTÊNCIA AOS ANTIBIÓTICOS AUMENTA A NÍVEL MUNDIAL

Carne com antibióticos afeta a saúde humana

J.R. / A FDA (Food and Drug Administration, órgao governamental Estados Unidos de América responsável polo controle dos alimentos) vem de publicar o seu terceiro informe anual que resume as ventas de 2011 de antibióticos para animais produtores de carne, revelando o aumento abusivo de antibióticos nas carnes para consumo humano.

Segundo a FDA os antibióticos estám-se utilizando para tratar as pessoas doentes mas também se lhes dá aos animais sem danos - em maior quantidade - para que medrem mais rápido e para compensar as condiçons de assinamento e a falta de higiene. Estas práticas estám contribuindo à apariçom de super-bactérias resistentes aos medicamentos que fam que as infeçons sejam mais difíceis e custosas de tratar. O informe conclui que em 2011, vendérom-se mais antibióticos para uso de produçom de carne e aves de curral que nunca e que a produçom de carne consome quase 4 vezes mais antibióticos do que fam os humanos.

Perigo para saúde humana

Os Antibióticos Promotores do Crescimento ou APC empregam-se por norma na alimentaçom do gado de produçom cárnica em pensos de "rápido crescimento" ou "engorde" a maioria som antibióticos habituais na medicina humana para tratamento das enfermidades.

Um dos principais perigos do uso de antibióticos na produçom cárnica é que passem à cadeia de alimentaçom humana, comportando risco de toxicidade, mas sobretudo, de resistência. Esta tem-se por unha das principais causas do aumento à resistência de antibióticos que se está a produzir na Europa como indica a ECDC (Centro Europeu para o Controlo e Prevençom de Enfermidades).

> Animais saudáveis consomem antibióticos na sua alimentaçom

As bactérias resistentes ou "super-bactérias" já nom som só um problema dos hospitais, senom que através da consumo de carne de ave, porco e vacum está-se convertendo numha questom de saúde mundial. OMS (Organizaçom Mundial de Saúde) propujo em 2006 a proibiçom do uso de antibióticos a grande escala na alimentaçom de animais, contudo, longe de descender o consumo de antibióticos aumentou.

Segundo reflexa a Sociedade Madrilenha de Medicina Preventiva numha das suas publicaçons, "até o 30% da populaçom pode estar colonizada polo SARM (Staphylococcus aureus resistente a meticilina) que é unha importante causa de infeçom nosocomial que durante anos se considerou uma patogenia classicamente hospitalária e que aumentou como patogenia comunitária tanto no Estado Espanhol, como na Europa".

Consumir carne sem antibióticos

Conseguir carne sem antibióticos é muito difícil tanto para os produtores cárnicos como para os consumidores. Para os produtores cárnicos a opçom é o ecológico, ou criar estándares que garantam o uso controlado de antibióticos, ainda nom existe nenhum selo deste tipo no estado. Na UE utiliza-se um selo comum para a agricultura ecológica que certifica que o uso de antibióticos está limitado com um logótipo comum e conforme ao Regulamento em Agricultura ecológica da Uniom Europeia. É importante lembrar que qualquer carne que nom leve o selo de Agricultura Ecológica da Uniom Europeia, pode estar contaminada de antibióticos.

Pola contra as leis estadounidenses som ainda mais transigentes com o emprego de antibióticos na alimentaçom dos animais. Polo que existe umha forte rede de organizaçons de consumidores e sanitárias que pressionam ao governo e lutam por um consumo de carne saudável, como é a Meat Without Drugs (*http://www.meatwithoutdrugs.org*). Deste clima de luta surge um movimento mundial através das redes sociais chamado Hackin Meat, que pretende utilizar as comunicaçons sociais e a tecnologia para investigar "Como pode a informaçom e tecnologia ser usada para cortar (ou repensar) o futuro da carne" Incitam a consumir menos carne, e a pouca que se consuma fazê-lo de forma ecológica. No twitter podem-se seguir as achegas com o hastag #hackmeat.

ECONOMIA

No Estado espanhol contam com "prioridade absoluta" as amortizaçons e os pagamentos de juros produto da dívida

A dívida por cima de todo

A.L.R. / A dívida está por cima de todo. Isso di a Constituiçom do Estado espanhol. Por diante dos direitos das pessoas, por diante do mantimento de serviços sociais situa-se a supervivência de um sistema financeiro que apenas procura o seu benefício e que no seu momento foi parte essencial para suportar a ideia de um Estado de bem-estar que agora colapsa. Esta atitude da Administraçom como garante do benefício privado também é umha prática fundamental da equipa executiva que atualmente comanda a Junta de Galiza, quando nos seus orçamentos som as partidas relacionadas com a dívida pública as que mais incrementam.

A CONSELHEIRA DE FAZENDA, Elena Muñoz, na apresentaçom dos orçamentos para 2013

Em agosto de 2011 fazia-se umha reforma expressa da intocável Constituiçom espanhola graças à conivência dos dous grandes partidos estatais. O neo-liberalismo e a social-democracia acordavam que "os créditos para satisfazer os juros e o capital da dívida pública das Administraçons entenderam-se sempre incluídos no estado de gastos dos seus orçamentos e o seu pagamento gozará de prioridade absoluta". Assim, ainda que as duas grandes forças do Estado mostram de cara à galeria mediática umha série de matizes nas políticas sociais, ambas as duas nom tenhem reparos em sacrificar qualquer tipo de gasto social em favor dos interesses da grande banca internacional.

A dívida que sobe e sobe

A roda da dívida gira e gira, levando por diante a possibilidade de umha reconstruçom social através das administraçons públicas. O que acontece na Junta da Galiza é um claro exemplo disto. Cada vez há mais dívida acumulada, dedicam-se mais partidas ao pagamento de amortizaçons e juros enquanto se corta noutras despesas e se opta por continuar a endividar-se mais. Graças à citada reforma constitucional do Estado espanhol as únicas entidades que se vem beneficiadas de todo isto som aquelas companhias financeiras que contam com a "prioridade absoluta" de verem os seus créditos devolvidos com juros.

Botando um olho aos dados que aparecem no Instituto Galego de Estatística (IGE) é salientado como se disparou a dívida pública acumulada nestes últimos anos em que a neo-direita encabeçada por Alberto Núñez Feijóo se fixo com o controlo da Junta de Galiza. Segundo o IGE, no primeiro trimestre de 2009 (o 1 de março deste ano o PPdeG superava em escanos a PSdeG e BNG nas eleiçons autonómicas) a dívida pública acumulada era de uns 3.923,135 milhons de euros, o que correspondia a 6,9% do Produto Interior Bruto (PIB) galego. Nos últimos dados registrados no IGE, do terceiro trimestre do 2012, a dívida total da Comunidade Autónoma Galega estima-se em 7.622,14 milhons de euros, o que implica 13,3% do PIB. A suba foi paulatina. Repassando alguns dados do IGE vê-se que em finais de 2009 Galiza tinha um total de 4.842,43 milhons de dívida (um 8,8% do PIB), em finais de 2010 a cifra subia a 6.161,207 milhons (10,9% do PIB) e no último trimestre de 2011 os dados do IGE sinalavam uns 7.009,277 milhons (12,2% do PIB).

Recentemente a Junta de Galiza sacou adiante os seus orçamentos para 2013, numha jornada que se viu marcada polos protestos às portas da Cámara legislativa galega na compostelana rua do Hórreo. Os orçamentos públicos que fabricam a equipa gestora que atualmente detenta o poder autonómico som cada vez mais magros, estando orçamentada para este 2013 umha quantia 9.479 milhons de euros. Segundo indica um relatório do gabinete técnico da Confederaçom Inter-Sindical Galega (CIG), estas cifras som 3,8% menores que a quantia prevista para o 2012 e indicam umha queda de 2.300 milhons de euros desde o ano 2009.

Em finais de 2012 a dívida galega atingia 13,3% do PIB

A dívida impossibilita umha reconstruçom social através das administraçons

No referido aos ingressos o endividamento aumenta 7,4%, atingindo os 1.475,63 milhons de euros. Quer dizer, esta é a nova dívida que o Governo galego tem estimado gerar este 2013. Nos orçamentos de 2012 o Executivo galego tinha estimado gerar 1.373,8 milhons de euros. A bola da dívida nom para de medrar. Há que acrescentar também que, segundo o citado relatório técnico da CIG, a amortizaçom da dívida e os gastos financeiros, que na sua maior medida som juros de dívida pública, consumem 11,9% do orçamento previsto para este 2013. Assim, está previsto que se dediquem 833,9 milhons de euros para amortiçar a dívida anterior e uns 299,26 milhons para pagar os juros. Segundo indica o relatório da CIG, em comparaçom com os orçamentos previstos para o passado 2012 os gastos destinados à amortizaçom da dívida incrementam 52,3%.

Criou-se Plataforma pola Auditoria Cidadá da Dívida da Galiza

Pagamentos de juros consomem 11,9% dos orçamentos da Junta para 2013

Auditoria cidadá da dívida

Nos últimos anos está a ser conformada umha rede a nível internacional que está a reclamar umha auditoria cidadá da dívida pública, com a finalidade de descobrir qual é a quantia dessa dívida que pode ser qualificada como ilegítima e, portanto, nom pagála. Recentemente, esta rede está a iniciar atividade na Galiza através da Plataforma pola Auditoria Cidadá da Dívida de Galiza, que já realizou algumhas atividades informativas em cidades galegas. Umha das críticas que realiza o movimento em prol de umha auditoria é que se obriga as administraçons públicas a financiar-se através da banca privada, onde os juros da dívida em poucas ocasions baixam de 5%, quando desde o Banco Central Europeu se lhe está a emprestar dinheiro a essas entidades financeiras com juros por baixo de 1%. Com este e com outros mecanismos é que a banca absorve o dinheiro das pessoas contribuintes.

Encontro para promover umha moeda social galega

A.L.R. / A Mancomunidade Integral Galega (Miga) continua a dar passos para a criaçom de umha moeda social galega e convoca umha reuniom aberta para o próximo sábado 6 de abril às 16 horas na Gentalha do Pichel, em Compostela, para avançar no debate deste projeto. Deste jeito, A Miga chama a participar neste encontro a todas aquelas pessoas interessadas em levar adiante umha alternativa ao euro assim como a ativistas que estejam a trabalhar em projetos como moedas locais, moedas virtuais, bancos de tempo ou mercados de troco.

O Novas da Galiza do mês passado analisou a definiçom de moeda social, sinalou as possibilidades transformadoras dum projeto deste tipo e repassou alguns dos diversos modelos de moeda alternativa existentes. Se bem as moedas sociais e locais existírom a pequena escala em diversos pontos do mundo antes de estourar da crise económica, esta está a promover que movimentos surgidos da base social procurem fórmulas para realizar transaçons à margem do sistema monetário convencional.

A TERRA TREME

"O debate de escola pública versus escola privada é fomentado amiúde por aqueles que desejariam que nom existam alternativas"

JOAN RIDAURA É MEMBRO DA CONSELHO DIRETIVO DA BRESSOLA, ESCOLA DA FAIXA DA CATALUNHA NORTE

"Trabalhamos para que os rapazes vejam que a identidade catalá vai além dos muros da escola"

MARIA ÁLVARES / A Bressola é um projeto que surge na Catalunya Nord há 27 anos para promover a imersom lingüística das crianças que vivem nesta parte dos Paisos Catalás pertencente ao Estado Francês. Desde o momento até agora criárom-se sete centros que abrangem educaçom maternal (infantil) e primaria, mais um de ensino secundário em distintas comarcas deste território. O apoio social das Bressolas, a sua pedagogia e a implicaçom institucional do Principat fijo possível que muitas crianças recuperaram um idioma que começou a se perder a finais da segunda guerra mundial no estado francês. Alguns membros da equipa diretiva venhem de partipar em Compostela numhas jornadas sobre a imersom lingüística promovidas pola escola de ensino galego Semente, ali falárom com o NGZ.

Como surge a primeira Bressola?
Há que situar-se no contexto do estado francês, sem nenhum tipo de recurso para as línguas menorizadas e com um desprezo absoluto cara estas. Em maio de 68 um grupo de pessoas, após saber da experiência das ikastolas bascas, juntamo-nos para lhe dar forma ao que seria um projeto associativo, laico e em catalá. Em 1976 cria-se em Perpinyà o primeiro centro com sete alunos e alunas numha garagem, junto a umha clínica veterinária. Passados dous anos, o concelho vizinho cedeu-nos umha escola.

Como se desenvolve nestes anos a relaçom com a administraçom?
No começo toma-se como se for umha ideia de quatro iluminados e prefire deixar que o projeto morra, mas quando vem que funciona, começam os chanços. Os primeiros anos som de muita luita, incluídas greves de fame. Mas as municipalidades (que equivalem às camaras municipais no Estado Espanhol) vam à parte, por exemplo Perpinyà trata a Bressola como umha escola pública e inclusive pom parte do pessoal do centro.

Como se afronta no projeto o debate entre a luita por um ensino público ou a aposta no privado?
As escolas da Bressola som juridicamente privadas por obriga, públicas por vocaçom e associativas por eleiçom. É precisamente a ausência dumha oferta de educaçom imersiva no sistema público, sistema financiado com o dinheiro de toda a cidadania, também o nosso, nom o esqueçamos, a que obriga a criar estruturas alternativas, de base popular, associativa e sem ânimo de lucro para dar resposta a esta carência. Assim, o debate de escola pública versus escola privada é um falso debate, no qual nom devemos cair, fomentado a miúdo por aqueles que desejariam que nom existam alternativas a estes dous sistemas. E a alternativa existe com esta terceira via que, com a sua simples presença representa de facto umha denúncia constante a umha administraçom que nom dá resposta a umha demanda popular.

Como se financia o projeto?
Ao começo nom havia subvençom nenhumha. A situaçom atual é dum orçamento de 2 milhons de euros (diretos e indiretos), o que nos permite ter 80 assalariados. O financiamento direto vem das subvençons, das famílias, e dos municípios de ambos lados da raia.

De modo indireto há umha associaçom de amigos da Bressola que se dedica a arrecadar fundos. Neste projeto implicárom-se muitas entidades do Principat, mesmo o Barça tem posto dinheiro.

"A afetividade e a verticalidade som princípios básicos"

O projeto da Bressola vai além da imersom lingüística, para vós é fulcral a questom pedagógica.
Sim, para nós é fundamental: quando tu trabalhas em favor dumha língua menorizada tes de defender que o teu é melhor. Fijo-se muito trabalho na procura dum sistema pedagógico nom fechado, tratamos de apanhar o que nos interessa de métodos como o de Montessori ou pedagogias como a Waldorf e adaptá-lo a nossa experiência e ao nosso entorno. Ademais cada centro funciona autonomamente e ponhem-se em comum umhas linhas que o professorado trabalha conjuntamente no verao em diferentes cursos. Trabalha-se sem esquecer sobretudo a afetividade e a verticalidade, que som princípios básicos. Os alunos mais novos (de 2 a 6 anos) estám misturados, o que permite que os pequeninhos aprendam dos mais velhos porque estes ajudam-nos e acolhem-nos na língua catalá, assim ademais dum beneficio lingüístico para ambos promove-se um sentimento de responsabilidade.

Que motivaçons tenhem as famílias à hora de levar as crianças à Bressola?
Som mui diferentes, e mudárom com o passo do tempo, ao começo só vinham os filhos dos militantes mas agora estes som os menos.

Na Catalunya Nord houve umha ruptura geracional e as maes e pais que nom falam catalám querem que os seus filhos recuperem a língua dos seus avós.

Para outras famílias as motivaçons som os resultados académicos, os nenos aqui venhem contentes e obtenhem muito bons resultados. Podemos dizer que para algumhas famílias o catalám é um plus e para outras é "um pessie a que se fala".

Outra das motivaçons é que no Estado francês existe muita mobilidade, e as famílias que chegam aqui doutros lugares dam-se conta que este território é diferente, e traem os seus filhos a nossa escola como modo de adaptaçom ao território.

Ademais da língua, trabalhades nas Bressolas a pertença a umha cultura comum?
Tratamos que toda a rapazada veja que a identidade catalá vai mais ali dos muros dumha escola e ainda que na Catalunya Nord é mui difícil manter umha vida plena em catalá, desenvolvemos atividades noutros territórios dos Países Catalás que servem para reforçar a cultura:com os mais maiores fazemos acampamentos em Malhorca onde estám em contato com outros moços que falam catalá, assim podem trocar experiências e jogos e dam-se conta que nom som uns bichos raros, se nom que o catalá floresce além da Catalunya Nord. Todos os anos é visita obrigada Barcelona no 11 de Setembro, a Diada. Ali vam aos concertos dos grupos catalás e descobrem que a rapazada da sua idade no Principat, com a que se sintem identificada, é catalanofalante, isto serve para empoderá-los muito e valorar a sua língua.

E no recreio os jogos também se desenvolvem em catalá?
Um professor catalá, Joan Soler, dizia ao começo da recuperaçom do idioma: "ganhamos a escola mas perdemos o pátio". Para nós ganhar o pátio era importantíssimo, tínhamos claro que a imersom nom seria completa se nos seus jogos os rapazes substituíam o catalá polo francês, por isso desenvolvemos estratégias no pátio ou no comedor , o que exige um sobreesforço. No comedor cada docente come com a sua aula para promover que as conversas sejam em catalá e nos recreios jogam ao começo com eles mas sem dirigi-los, assim mantehem o idioma.

ALÉM MINHO

Este Governo prometeu que nunca cortaria subsídios, salários ou pensões, o que já fez mais de uma vez

EXISTE UMA PERCEPÇÃO CRESCENTE DE QUE O RUMO ECONÓMICO TRAÇADO PARA PORTUGAL NADA TEM DE INEVITÁVEL

Portugal: vamos acabar com esta política antes que ela acabe com o nosso país

ANDRÉ SILVA / A intervenção da actriz Joana Manuel, na Conferência Nacional «Em Defesa de um Portugal Soberano e Desenvolvido», realizada em Lisboa, no passado dia 23 de Fevereiro, registada em vídeo e divulgada através das redes socais, tornou-se entretanto, para usarmos o termo em voga, viral.

CIDADÃOS PORTUGUESES interrompem Passos Coelho na Assembleia da República cantando o 'Grândola'

Com a tónica no desespero e absurdo em que se tornou a vida de um número cada vez maior dos nossos jovens actualmente, a comunicação da actriz é um grito de revolta que une gerações com um mesmo drama, invocando um passado a que muitos de nós não pensaríamos poder alguma vez voltar. Não é difícil compreender por que razão esta intervenção encontrou eco entre centenas de milhar de portugueses, que se revêem num relato pessoal, honesto e brutal, que fala dos homens que nunca foram meninos, de Soeiro Pereira Gomes e dos jovens portugueses hoje, a quem estas políticas roubam qualquer sorte de presente e futuro digno das suas legítimas aspirações, e a quem o epíteto «jovem», diz-nos a actriz, teima em perseguir.

Esta é mais uma voz que nos chama a todos para combater as políticas que nos trouxeram até aqui, sendo certo que, como diz o mote, «quem nos meteu neste buraco não nos tira dele».

Inexoravelmente, toda a acção deste Governo, a sua própria legitimidade foi por si mesmo deitada por terra desde o início. Fazer-se eleger com base em promessas que nunca fez a mais pequena intenção de cumprir nada traz de novo, infelizmente, sabemo-lo bem. Mas este Governo foi mais longe. Prometeu enfaticamente que nunca cortaria subsídios, salários ou pensões, o que fez mais de uma vez, como é, caso chegue ao final do seu mandato, previsível que volte a fazer. Foi e vai mais longe na total cegueira face à voz do povo expressa nas ruas, locais de trabalho e de que qualquer rede social dará sempre uma imagem distorcida.

O caminho da austeridade cega conduzirá o país, como conduziu outros, como tantas vezes tão diversas quanto à sua origem ideológica ou âmbito de análise o demonstraram, apenas a mais austeridade. Cremos que o país, ao contrário do que diz A. J. Seguro, Secretário-geral do PS, não corre o risco de mergulhar numa tragédia social - é, a cada dia que passa, maior o número de famílias cuja realidade não é outra, agravando-se de dia para dia as perspectivas de qualquer futuro que valha a pena habitar. Não se fale de incompetência quando o rumo prosseguido é deliberado e reforçado a cada nova etapa.

> Há movimentos a crescer, entre camadas díspares da população

A outra contradição insanável chama-nos a todos à acção: o governo não cairá por si, claro está. Ao contrário de exemplos que possamos trazer do passado recente do nosso ou de outros países, esta gente apenas finge considerar o descontentamento ou mesmo o desespero popular ante o resultado da sua política. Não. Se quisermos saber o que fará, atentemos no caminho percorrido e teremos a resposta. Terão finalmente de ser os portugueses a chamar a si a decisão de mudar o rumo do país.

As gigantescas manifestações de 16 de Fevereiro e 2 de Março, com as centenas de milhares de portugueses que trouxeram para a rua - bem como a diversidade nas expressões de protesto- têm, a nosso ver, uma outra característica : há movimentos diversificados a crescer, entre camadas díspares da população, entre jovens, estudantes, desempregados, pensionistas, artistas e agentes vários da cultura, que o governo pura e simplesmente abandonou; alguns destes, como é de esperar, poderão em breve extinguir-se ou diluir-se noutros. Mas, no global, estamos em crer que há uma percepção crescente de que este rumo nada tem de inevitável. É o contrário que acontece, dando razão às palavras de ordem: vamos acabar com esta política antes que ela acabe com o país.

POVOS

Após a sua independência em 1946, Filipinas pretendeu assimilar as povoaçons muçulmanas das ilhas do Sul num estado de religiom católica

Bansgamoro: os 'mouros' de Mindanao, Palawam e Solu

JOSÉ ANTOM 'MUROS' / Som denominados assim polos colonizadores castelhanos devido a sua religiom muçulmana. Tivérom com estes umha dura luita pola independência e liberdades, também com os americanos e posteriormente com o estado filipino que, herdeiro em muitos aspetos dos anteriores, nom destacou polo respeito a um povo que se diferencia claramente do resto dos habitantes das Filipinas, nomeadamente pola sua integraçom na civilizaçom muçulmana que lhe mostrárom polo século XIV comerciantes e predicadores malaios, chineses hui, árabes e persas; que consolidou e desenvolveu porém, um sistema de governo (sultanatos), rotas comerciais e influências distintas das herdadas polas colonizaçons europeias e que marcárom muito mais os filhos das Filipinas, os tagalos, fundamente católicos e cheios de influências peninsulares misturadas com o Extremo Oriente. A partir da Independência de Filipinas dos USA em 1946 pretende-se a assimilaçom das povoaçons do Sul de Mindanao, Palagaw e Solu a um estado de religiom católica com elites e leis que desprezavam e marginavam um povo que, como no seu passado contra os colonizadores, luitará com guerrilhas e emboscadas ferozmente pola sua independência. Desde os anos 60-70 os mouros de Bansgamoro (Território do Povo Mouro) mantenhem um conflito aberto contra o estado que nom desmerece às históricas rebelions contra gringos e castelhanos. Se nos anos 60 se criavam oficinas específicas para integrar e harmonizar a populaçom muçulmana e o seu direito constituinte e as revindicaçons da populaçons, isto contestava-se com grupos paramilitares e com a nom aplicaçom dos acordos. Posteriormente, e depois de décadas de resistência, a parte maioritária do Movimento Mouro aceita a paz em troca de autonomia. Esta, trás bastantes boicotes por parte de setores do estado como declaraçons posteriores de inconstitucionalidade e vetos a leis do parlamento autónomo por parte da Corte Suprema de Filipinas, é aprovada por referendo da populaçom no ano 1989. Ainda no ano 2001e trás anos de tortuosa andadura é incorporada a esta autonomia territorial a ilha de Basilam e o território de Marawi City. A fraçom dissidente do movimento mouro continua umha luita até os nossos dias pola independência dum Bansgamoro maior do que atualmente reconhece o estado filipino, luita por umha independência real que ajude a canalizar as demandas dumha populaçom marginalizada nas cidades, empobrecida e espoliada no campo (roubo de terras por terratenentes amigos do estado filipino) com um forte analfabetismo e migraçom. Esta fraçom noutro tempo minoritária, é nestes momentos a hegemónica do movimento e está em conversas com o Estado. O movimento de resistência mouro apoia-se fortemente na sua diáspora em Malásia, Indonésia e os países do Golfo Pérsico. Bem o necessita. Necessita também de meios e ajuda ante umhas tediosas mas necessárias conversas com um Estado enganoso que assume de palavra umha independência do Povo e umha auto-organizaçom das comunidades; esta só lhe daria a Filipinas o Exército, a moeda e as relaçons exteriores e que, de facto, e com os métodos legais (jurídicos, diplomáticos...) e nom legais (presons, intimidaçom, ocupaçom de terras, para-militarismo, chantagens...) trata de moderar e sabotar. Nessas conversas o Povo mouro canaliza as suas demandas e auto-organiza o seu Estado no papel com umha mao; com a outra auto-organiza e canaliza as comunidades, administra-as, maneja o exército clandestino e as autodefesas, para além de preparar a independência.

DITO E FEITO

"Com os COF estám a fazer o mesmo que com a saúde pública: primeiro sobressaturar, e a seguir desmantelar"

"A saúde das mulheres é o primeiro a sofrer os cortes porque nom interessa às instituiçons"

ENTREVISTA A MARIOLA MOURELO E MÓNICA G. DEVESA, DO OBSERVATÓRIO FEMINISTA DA SAÚDE

O.R. / Mariola e Mónica recebem-nos num café da Corunha. O seu sorriso nom deixa lugar a dúvidas: é 8 de março, um dia de luita mas também de juntança e celebraçom numha cidade em que os feminismos (no plural) passam por um dos seus momentos mais ativos. Dentro deste mapa heterogéneo temos o Observatório Feminista da Saúde, umha iniciativa original de mulheres preocupadas por um sistema se saúde artelhado por e para homes, em que as necessidades femininas som postas de parte, a sexualidade invisibilizada, e os direitos mais básicos agredidos.

Como nasce a ideia de vos juntardes?

A ideia saiu dum Café Feminista, espaços de encontro e debate sobre temas diversos entre gente de diferentes coletivos, e, um deles, centrara-se na saúde das mulheres. Começamos a falar da misoginia da classe médica e vimos que urgia que as mulheres começássemos a vigiar e denunciar o que estava a acontecer, para que este tema saia do privado e se torne público. Já nessa reuniom saiu a ideia de formarmos um Observatório da Saúde, e aqui estamos!

A primeira campanha a que vos somastes foi a do aborto. Como avaliades o estado atual desta qüestom, tendo em conta as mudanças introduzidas polo governo do PP?

Está claro que estamos num momento de grandes retrocessos neste tema, mas nom é a única frente que se abriu contra os direitos mais básicos das mulheres. Temos a sensaçom de que o assunto do aborto se usou um pouco como cabeça de turco, tentando que os protestos se focalizassem nisso, enquanto fam polas sombras outras reformas igual de graves. É claro que queriam contentar um sector de votantes do PP, mas nom parece que existisse mal-estar nengum na sociedade por este tema. De facto, a lei que instaurara o PSOE tampouco era umha maravilha… O que queremos deixar claro é que nós nom luitamos por defender o anterior quadro legislativo, mas polo direito total a decidir das mulheres. Aliás, reivindicamos que exista umha informaçom clara das opçons que tem umha mulher quando fica grávida, porque, no caso de querer abortar, atopa-se com umha nebulosa de dados que a podem confundir. Para evitar isto, no Observatório começamos a redigir um Guia, tanto para quem quer abortar como para quem decide ser mai.

> Curar doenças femininas como a fibromialgia exige mudar as condiçons de vida das mulheres

Agora estades luitando, junto com outros muitos coletivos, polo tema dos Centros de Orientaçom Familiar (COF). Está a ser umha campanha mui potente, nom é?

É certo, também porque o tema é grave… Na cidade há dous COF, com três ginecólogos que atendem 32 municípios. Trata-se de atençom primária, mas na atualidade tenhem umha lista de espera de 6 meses no caso do Ventorrilho e um ano no de Beira-Mar. Com a supressom do primeiro centro, esta espera multiplicará-se. O pessoal dos COF teme que esta seja umha medida de desmantelamento do serviço por sobre-saturaçom; quer dizer, o mesmo que estám a fazer com a saúde pública: primeiro converte-la num sistema precário, e depois dis que isso nom vale nada, e privatizas. O bom desta campanha é que se somou todo o mundo: os partidos, os sindicatos, as associaçons e o movimento feminista. Houvo já três concentraçons com muito sucesso, e a percepçom que tivemos nós ao repartirmos as volantinas foi mui positiva.

MARIOLA MOURELO E MÓNICA G. DEVESA

Medidas como esta podem enquadrar-se no quadro de recortes a que está a ser submetida a saúde pública. Afectam estas tesouradas de maneira especial a saúde das mulheres?

A sexualidade e os direitos reprodutivos importam pouco ao governo, se maneira que é sempre o primeiro que recortam. Esta falta de recursos afeta de maneira dupla as mulheres: dumha banda, como usuárias dum sistema sanitário que nom pode atender as suas necessidades, e da outra, porque som elas quem cuidam normalmente das pessoas doentes, polo que aumenta a sua carga emocional e piora a sua vida. O que está claro é que se começa a recortar sempre por sectores que já estavam mais desatendidos, como o das mulheres, as pessoas migrantes, ou as que tenhem algumha discapacidade.

Tratades também outras qüestons mui interessantes como a inexistência dum tratamento eficaz da saúde sexual das mulheres, tanto dumha perspetiva médica como em termos puramente sociais.

Na mentalidade imperante este aspecto nom se vê como um aspecto mais da saúde. No caso dos homens, com a viagra por exemplo, é enquadrada no sanitário, mas sobre a sexualidade das mulheres nom se fai umha abordagem séria nem nas famílias, nem no ensino, nem nas instituiçons. Arredor da sexualidade masculina há tabus mas falam-se as cousas; a feminina continua a estar invisibilizada.

Nesta linha, falades também da negaçom das doenças femininas e a falta de atençom às nossas necessidades, um tema também interessante quanto às enfermidades mentais.

Claro. É que há doenças femininas como a fibromialgia ou a depressom que nom se abordam de jeito integral e para as quais nom existe umha resposta eficaz. Opta-se por medicar, por reduzir a dor, mas nom se vai à raiz do problema, porque isto implicaria mudar as condiçons de vida das mulheres. Nom existem espaços de relaçom femininos, o trabalho é muito mais precário, atendem todas as facetas da família,… Esses som temas que exigem respostas coletivas que vaiam mais alá dumha pílula. Nos cárceres de mulheres, por exemplo, abusa-se também muito desta medicaçom, que em definitivo nom é mais que um mecanismo de controlo.

Falade-nos um pouco dos projetos que tendes entre maos.

Além do Guia da Maternidade, de que já falamos, agora estamos trabalhando na campanha "8 de março nom é um dia… é toda umha vida" com os demais feminismos da Corunha. Estamos desenhando atividades até finais de abril, onde se gerem espaços de encontro de mulheres arredor de temas diferentes. Até agora temos já cursos de economia feminista, teatro da oprimida, açons de rua ou empoderamento de rádio.

E a derradeira: porque luitar neste 8 de março?

Porque o patriarcado tem 5.000 anos de antigüidade, e nom se desmonta num mês! Aliás, é preciso luitarmos contra essa visom de que os direitos sociais seguem umha linha ascendente: estamos vivendo ataques mui diretos e temos que estar atentas aos direitos que já ganhamos. O feminismo é a espinha dorsal de qualquer transformaçom, e nom existe justificaçom para priorizar outros pontos. A autêntica revoluçom é a feminista!

CENTROS SOCIAIS

CS Abrente
Arcade · Souto Maior

Aguilhoar
O Forno · Ginzo de Límia

Arredista
Rodas, 25 · Compostela

CS Almuinha
Rosalia de Castro, 46 · Marim

Artábria
Trav. Batalhons · Ferrol

Aturujo
Principal · Boiro

Bou Eva
Terço de Fora · Vigo

A Casa da Estación
Ponte d'Eume

A Casa da Triga
P. Maior · Ponte Areias

CSO Casa do Vento
Figueirinhas · Compostela

CSO A Kasa Negra
Perdigom · Ourense

LS do Coletivo Terra
Boa Vista · Ponte d´Eume

A Cova dos Ratos
Romil · Vigo

Distrito 09
Coia · Vigo

Faísca
Calvário · Vigo

Fervesteiro
Adám e Eva · Ferrol

O Fresco
Bº da Ponte · Ponte Areias

O Fuscalho
Rua Colom · Guarda

A Ghavilla
Ponte da Raínha · Compostela

Gomes Gaioso
Monte Alto · Corunha

Henriqueta Outeiro
Quir. Palácios · Compostela

CSO Liceo
Estribela · Marim

CS Lume!
Rouxinol nº16 · Vigo

Mádia Leva
Serra de Ancares · Lugo

CSO Palavea
Palaveia · Corunha

CS En Pé
Zona velha · Ponte Vedra

O Pichel
Sta. Clara · Compostela

A Revira
Gonz. Gallas · Ponte Vedra

A Revolta do Berbés
Rua Real · Vigo

A Revolta de Trasancos
A Faísca · Narom

CSOA O Salgueirón
Zona Massó · Cangas

Sem um cam
Rua do Vilar, 9 · Ourense

A Tiradoura
Reboredo · Cangas

CS VagaLume
R. das Nóreas, 5 · Lugo

CSO Xuntas
Rua do Carme · Vigo

CS A Zalenvá
R. Carris, Valença · Barbadás

EM ANÁLISE

A Lei de Melhora da Qualidade Educativa (LOMCE) é a mais grave e lesiva reforma educativa das últimas décadas

Educar segundo manda o capitalismo

A LEI WERT: MAIS UM DIREITO CONVERTIDO EM NEGÓCIO

A.R.G. / O estudantado, já mobilizado contra os cortes nas bolsas, nos orçamentos, contra a eliminaçom das ajudas, contra a desapariçom de recursos... voltava de novo às ruas para tentar parar umha outra investida contra a educaçom pública e de qualidade. O passado 6 de fevreiro, um novo paro vaziava os centros de ensino, e enchia as ruas das principais cidades da Galiza, mas desta volta esigindo a retirada da maior, mais grave e lesiva reforma educativa das últimas décadas: a Lei de Melhora da Qualidade Educativa (LOMCE), proposta polo ministro espanhol de Educaçom, Cultura e Desportos, José Ignacio Wert, de quem colheu seu nome.

A LOMCE está, desde dezembro de 2012, em fase de anteprojeto, e a intençom do ejecutivo espanhol era gerar, em poucos meses, um ambiente de consenso para a sua pronta aplicaçom. Porém, este consenso nom dá chegado, e tampouco o arelado apoio das Comunidades Autónomas onde governam os populares. Os problemas, a falta de apoios, o financiamento e o nom acordo sobre as competências continuam a comprometer a aprobaçom da reforma.

Umha lei que fai "boa" a criticada LOE

Nos próximos meses, o Ministerio espanhol de Educaçom quer levar a nova reforma educativa ao Congreso, apesar de que a maioria dos partidos com representaçom na Cámara se mostrarom completamente hostís à mesma; e tendo en conta, para além, que o seu anteprojeto já foi desbastado no processo de consulta nas Autonomías -mesmo naquelas onde governa o PP-, devido às imensas dúvidas sobre o seu sistema de financiamento.

Por enquanto, no ar ainda paira a anterior reforma promulgada polo PP, a impopular LOCE, aprovada em 2002 polo governo de Aznar, com o único apoio de Coalición Canaria. Naquela altura, a lei nom chegou a entrar completamente en vigor, já que foi retirada polo PSOE em 2004, e mudada progresivamente pola LOE (2006), que foi aprovada com a única oposiçom do PP, -BNG, CiU e CHA abstiverom-se-. A LOE é a lei que vai ser agora mudada. Nom se sabe se por riba do consenso, e com a força que imprime a maioria absoluta.

Porém, segundo os coletivos estudantís e de defesa da educaçom pública, a nova LOMCE "fai bos" algúns dos artigos da muito criticada LOE. Antes de mais, chega com ler a mercantilista e utilitarista definiçom de educaçom com a começa, na qual é dito que esta "é o motor que promove a competitividade da economía e o nível de prosperidade dum país", para continuar a salientar que "o nível educativo de um país determina a sua capacidade de competir com sucesso na área internacional, e de enfrontar os desafios que se apresentem no futuro". Sob estas palavras subjaz a possibilidade de educar segundo os princípios do sistema económico atual, é dizer, fala-se dumha educaçom que ha de ser focada cara os resultados dos processos económicos. Nos seguintes parágrafos trata-se o alunado diretamente como mercadoría, como pessoas que ham de ser competitivas entre si, ao argumentar que a educaçom é "umha fonte de vantagens materiais e simbólicas para os indivíduos, vantagens tanto maiores quanto mais avance cada um neste processo e melhores resultados obtenham del".

Segundo avançam as páginas do anteprojeto da Lei Wert, a mercantilizaçom das pessoas e dos recursos nom só se albisca, senom que se visibiliza com força, marcando-se como um dos principais objectivos da reforma. Fala-se sibilinamente da segregaçom de pessoas segundo o sistema que escolham -as pessoas que optem a "ensinanças aplicadas", a FP, nom poderam optar ao graduado escolar, como até o de agora-; debulha-se a competencia desigual entre centros, a especilizaçom dos mesmos e a necessidade de rendirem contas, como se fossem empresas; emprega-se, dum jeito nada inocente, a expressom "prestaçom do serviço da educaçom" e nom "dereito à educaçom"; muda-se a definiçom de Educaçom Básica, a única cuja gratuidade garante a constituiçom espanhola, deixando fora o primeiro e segundo ciclo de Educaçom Infantil, o Bacharelato, os graos meios de FP, o regime especial -as Escolas de Artes e de Idiomas-, e as Universidades., de tal jeito que se abrem possibilidades à privatizaçom; acrescentam-se "reválidas"; e muda-se o currículo que mais molestava à direita, eliminando matérias como Conhecimento do Meio -que dava pé a dar relevância à contorna geográfica, demográfica e natural de cada umha das Autonomías-, ou Educaçom para a Cidadania...

> Fala-se dumha educaçom que há de ser focada para os resultados dos processos económicos

E por mais páginas, artigo após artigo, visibiliza-se a deriva cara a criaçom de seres humanos-mao de obra, encaminhados já desde crianças para servirem como as peças perfeitas para a manutençom do sistema, de ser possível, educados de maneira segregada: moças dum lado, moços do outro, que já há chegar o momento de se juntar, imaginamos que quando haja que criar umha nova família que vender ou comprar, com a que manter o sistema produtivo.

Os aspetos mais criticados da chamada Lei Wert

Porém, a demagogia dos medios de comunicaçom empresariais só deixa entrever os aspetos que podiam criar mais polémica, que nom por isto deixam de ser graves e lesivos para a educaçom pública de qualidade, para além dos dereitos lingüísticos e culturais das pessoas. Nesta listagem encontramos o maior apoio à educaçom concertada; a introduçom dumha matéria alternativa à religiom, no canto de Educaçom para a Cidadanía; e, sobretodo, a cláusula que obliga a Generalitat de Catalunha a oferecer aulas fundamentalmente en castelhano aos pais e mais que o desejem, de ser necessário, pagando-lhes um colégio privado.

Pero um dos aspetos mais alarmantes da Lei Wert é a porta aberta à entrada direta da empresa na educaçom. Chega como ejemplo o artigo em que se fala da supressom daquelas modalidades do Bacharelato que nom sejam demandadas nos centros públicos. Deste jeito, e dado que o Bacharelato nom é obrigado, cabe a possibilidade de que este se vaia privatizando e, tendo em conta que o acceso à Universidade cada vez será menor, seram os centros privados os que o impartam finalmente. Mas nom qualquer um Bacharelato, senom o que mais necesitará daquela o sistema. Será tempo de nos despedir das Humanidades, as Artes ou as Ciências Sociais.

Também deve ser destacada a "especializaçom dos centros nos ámbitos curricular, funcional e por tipologia do alunado", já que se trata dumha das chaves da reforma do ministro Wert. Dado que os centros educativos terám que render contas, e é a Administraçom quem pom as regras do que está bem, e do que está mal, aqueles centros de nom cumpram e cujo alunado nom interesse ao sistema, veram como lhes som retirados os recursos.

> Artigo após artigo, visibiliza-se a deriva cara a criaçom de seres humanos-mao de obra

Por falta de espaço nom cabem todas as mudanças ultraliberais da Lei Wert, mas nom deixamos de lembrar umha das obsesons históricas do PP, que também se traduz nesta norma: as línguas e literaturas catalá, basca e galega som desprezadas, e a sua presença e valoraçom social é reduzida e até negada, chegando mesmo a financiar con fondos públicos o seu desconhecimento.

O problema do financiamento paralisa a aprovaçom

Nas últimas semanas, o ministro Wert assinalava que a nova lei vai ficar como está no referido à memoria e aos seus artigos, e que de mudar, seria através de pequenos ajustes no seu financiamento. As contas de Educaçom prevem que o Estado gaste uns 500 milhons de euros em custos diretos, a financiar em três anos, e que as Comunidades se ocupem de 927 milhons; porém, numha primeira versom, do gabinete de Wert calculavam que fazia falta cinco vezes menos dinheiro, e de algumhas Autonomías ainda se pensa que a versom atual fica muito curta. Da oposiçom e dos coletivos contrários à Lei Wert assinalam que os atrasos na sua ratificaçom tenhem como objetivo a desmobilizaçom nas ruas.

De todos os jeitos, cumpre lembrar que, apesar das vozes contrárias, o PP continua a contar com maioria absoluta no Congreso espanhol, o que permitiria aprovar a reforma educativa mais economicista da história sem precisarem apoios. Se finalmente acontece isto em 2014, como primeiramente asegurou o governo espanhol, a lei nom começaria a aplicar-se até setembro de 2015, quase ao final da legislatura.

A FUNDO

"Se o parque eólico e o proprietário do terreno nom chegam a acordo, aplica-se a lei de expropriaçom forçosa do ano 54"

"Os Estados que investírom em renováveis conseguem ter a eletricidade mais barata"

ROSA Mª REGUEIRO FERREIRA, AUTORA DE 'A PROPIEDADE DO VENTO GALEGO'

Acostumada a comprovar cada semana a suba dos preços do petróleo e das energias fósseis, o futuro das energias finitas está cada vez mais na boca da gente. Polas suas características geográficas, a Galiza conta com umhas mediçons de vento excepcionais, o que no passado a colocou entre os maiores produtores mundiais de energia elétrica -umha energia renovável ainda cativa mas que está a ganhar mais e mais importância diante da perspectiva de esgotamento das energias tradicionais, havendo países nos que já suportam 20% do consumo. Mas hoje Galiza já nom é líder do setor e empresas como a Gamesa estám a fechar plantas e deslocar-se para outros territórios ante as políticas autonómicas e centrais.

RAUL RIOS / Rosa Mª Regueiro é autora de vários estudos sobre a questom eólica galega. Autora da tese de doutoramento *Xénese e desenvolvemento do sector eólico en Galicia (1995-2010): marco institucional, aspectos económicos e efectos ambientais*, também escreveu *El negocio eólico* (La Catarata, 2011) e *A propiedade do vento galego* (Laiovento, 2012). Ensina nas universidades da Corunha e de Santiago de Compostela. A especialista contextualiza o panorama eólico atual e assinala as falhas de fundo do sistema.

Qual é a situaçom atual do setor?
Estamos numha situaçom mui crítica polos erros que fomos herdando do passado. A nossa grande debilidade é que nunca apostamos realmente no setor eólico porque nom tínhamos definido um modelo de aproveitamento do mesmo. Tanto na Galiza como em Espanha havia um modelo de solapamento de leis em que se ia cobrindo parcelas mas nom todo o cenário. O grande erro foi que nunca se permitiu que participassem do sistema todos os agentes implicados (proprietários dos terreos, universidades, administraçons...).

Se nom temos estudado o sistema energético em profundidade e com todas as energias que podem participar, quer dizer, também as renováveis, teremos umha lacuna económica de difícil salvaçom. Precisamos de conhecer qual é o *mix* energético para estudar os custos, e agora temos um problema de imputaçom dos custos. Nom se atribui proporcionalmente o custo de cada umha das energias e o que acontece é que se encarece o deficit de tarifa. Assim, aquelas energias que para serem espalhadas inicialmente precisam de incentivos em forma de primas, tal como a eólica, som as que ficam prejudicadas.

Um exemplo do que estou a referir é o caso da Dinamarca. Em 1973 era um país fortemente dependente do petróleo, mas com a crise aproveitou as suas boas mediçons de vento e trás dum estudo do seu sistema energético decidiu apostar na eólica. Era um modelo em que estavam implicados todos os agentes: as administraçons públicas, as empresas, os proprietários dos terreos, as universidades, os bancos... a Dinamarca hoje é referente mundial.

Umha sentença do Tribunal Superior de Justiça da Galiza (TSJG) indicava em finais do verao que a supressom do concurso que figera o bipartido fora ilegal. Quais som as possibilidades de que as empresas prejudicadas por essa supressom venham a receber indemnizaçons da Junta?
Efetivamente houvo umha sentença do TSJG no verao passado declarando essa anulaçom ilegal. Mas há um mês saiu um anúncio doutra sentença do TSJG, ainda que outro tipo de sentença, que dava a entender que afinal a supressom fora legal. Acho que, dependendo do tipo de denúncia de que se trate, de quem a fai e da sala em que recai, vai-se dizer que é legal ou ilegal. As indemnizaçons, haverá-as caso haja umha sentença definitiva dizendo que um dos dous concursos nom vai adiante.

O que temos realmente é umha situaçom de inseguança jurídica absoluta. A culpa tenhem-na os governos que neste tempo nom definírom um quadro regulador estável. Evidentemente o PP tinha umha política energética diferente a do bipartido, mas dada a conjuntura em que estavamos de crise económica, aí está claro que perdemos tempo. A Galiza perdeu a condiçom de líder mundial, e está-se destruindo todo o tecido empresarial que havia arredor da energia eólica.

"Está-se destruindo o tecido empresarial que havia arredor da energia eólica"

É diferente o tipo de empresa que se beneficiou do concurso do bipartido do tipo de empresa beneficiada no do PP?
É, sim. Ainda que as grandes já estivessem aí, no concurso do bipartido havia empresas de capital fundamentalmente galego que saíam beneficiadas. Algumhas destas empresas mui beneficiadas no primeiro concurso depois nom obtivérom nada ou quase nada de potência com o concurso do PP. Outras empresas como a Gamesa ou a Ibereólica saírom mui favorecidas no concurso de Feijóo.

Que critérios mudárom no concurso para as empresas de propriedade nom galega ganharem mais potência, 55% do total?
Os critérios nom eram mui díspares, o que mudou foi a forma de valoraçom, as rátios a aplicar. No caso do bipartido havia um elemento importante, e era que permitia a participaçom de investidores privados e no concurso do PP isso nem se considerava. É umha forma de que a cidadania obtenha um benefício.

Qual é o papel dos proprietários dos terreos dos eólicos?
Neste momento o seu papel é nulo. Estám totalmente submetidos. Se a empresa promotora do parque e o proprietário nom chegam a acordo, automaticamente se lhe aplica a Lei de expropriaçom forçosa do ano 54. No modelo dinamarquês, que se segue noutros sítios como na Catalunha, Alemanha ou no Reino Unido, os proprietários participam de todo o processo. Há que ser cientes de que o terreo vai ter umha categoria de "solo apto para uso eólico", isto é, umha categoria industrial que lhes permite ser acionistas ou ter umha retribuiçom acorde. Na Galiza o terreo é considerado improdutivo, mas é mentira. Ao instalar-se um aerogerador passa a ser produtivo, a gerar lucros, e os proprietários devem receber umha remuneraçom acorde.

Também os concelhos deveriam ter direito a receber umha quantia por essa instalaçom dentro da sua contorna, como atividade económica geradora de riqueza que é.

"Dependendo do tipo de denúncia dizia-se que o concurso do bipartido foi legal ou nom"

A meio prazo os combustíveis fósseis subirám enormemente o seu preço já que som finitos. Por que nom aproveitar a potencialidade eólica galega?
Cada vez os combustíveis fósseis som mais caros e temos o alarme de que se esgotam alguns deles. Como se explica que os Estados da UE com energia eólica desenvolvida sejam agora os que menos pagam pola eletricidade? Como explicamos que o Estado espanhol fosse o que mais encareceu este preço nos últimos anos? Nalgum lado está a ineficiência do sistema.

As grandes empresas costumam destinar os seus investimentos para as energias fósseis porque obtenhem maiores lucros a curto prazo. Qual é a caixa de ferramentas da Administraçom para que esse investimento se encaminhe cara as renováveis?
A ferramenta do prima. Nom é umha subvençom, é umha garantia sobre o preço. Quando o setor vai amadurecendo, tendem a diminuir e transformar-se noutro sistema, por exemplo, o dos certificados verdes. Consiste em que aquelas empresas que acreditam solvência geral na produçom destas energias tenham umha preferência no sistema.

Cara onde imos?
Apesar do mal que figemos as cousas, podemos recuperar o posto em que estávamos se repensamos todo o sistema. Exige avaliar perfeitamente o contributo das renováveis no sistema energético, umha análise exaustiva de custos e umha análise de até onde nos interessa depender das fósseis e nucleares. Também configurar um quadro jurídico seguro e estável para evitar a fuga de empresas do setor e, por conseguinte, da mao-de-obra galega qualificada.

“A supressom das primas causará a venda das pequenas empresas por um preço baixíssimo”

R.R. / O Governo espanhol fijo saltar mais umha vez os alarmes do setor do vento galego. A modificaçom do sistema de primas às renováveis contida no real decreto-lei de medidas urgentes no sistema elétrico, aprovado primeiro polo executivo e depois polo Congresso, vai significar de facto a eliminaçom desta bonificaçom. É o golpe mais recente, e quiçá letal, para um setor historicamente castigado.

NACHO MANOTAS

A medida imposta por Madrid, destinada a controlar o deficit tarifário, modifica o sistema de atualizaçom das primas às renováveis, que passa de acompanhar o IPC como até agora para seguir a inflaçom subjacente daqui em adiante. Segundo Rosa Mª Regueiro, esta alteraçom elimina qualquer possibilidade de revalorizaçom “porque está baseado numha canasta de produtos nom sujeitos a revalorizaçom”. Este novo IPC nom computa nem o preço dos combustíveis, nem da alimentaçom ou nem da comunicaçom. “Nalgum caso ainda pode dar um resultado negativo”, adverte.

Mas que importância tem o sistema de primas às energias renováveis para o vento galego? As primas som um sistema de bonificaçons que tenhem por objetivo potenciar um setor em nascimento. “Quando o setor começa a amadurecer, as primas tendem a desaparecer e converter-se noutro sistema. Acontece assim em todos os lugares do mundo”, destaca Regueiro. Mas no Estado espanhol a modificaçom da valorizaçom das primas acarreta o corte em seco das bonificaçons. “O cenário muda totalmente. É normal que as empresas protestem porque já estabeleceram umhas rátios de rendibilidade em funçom dessas primas que já nom estám”.

O eólico galego é um setor já maduro, e segundo Regueiro as empresas poderiam continuar sendo rendíveis, caso se garantisse um quadro jurídico estável e se passasse para outro sistema. Mas a medida nom vai afetar todas as empresas por igual. A experta diferencia entre as grandes empresas monopolísticas “que aglutinam muitos tipos de negócio” e as pequenas empresas que podem nom ter capacidade financeira. Se as pequenas nom resistem sem primas e sem crédito -de difícil acesso -, “serám vendidas por um preço baixíssimo às grandes empresas”.

No decreto-lei justificam esta modificaçom polos custos que originam as primas, mas a economista critica que a Comissom Nacional de Energia estabeleça um sistema de avaliaçom injusto e em detrimento das renováveis. Sublinha que no sistema energético espanhol quase todas as energias nom renováveis recebem subsídios ou ajudas com diferentes fórmulas, e exemplifica com o que acontece com a indústria do carvom ou da energia nuclear. E isso é assim porque as grandes empresas energéticas obtenhem maiores lucros se som ajudadas energias como estas do que obteriam com as renováveis, ao terem maior complicaçom de negócio nesses ramos. “É umha estratégia centrada mais em interesses empresariais que nos próprios interesses estratégicos do setor, na sua sustentabilidade ou evoluçom”, sentencia.

> “É umha estratégia centrada mais em interesses empresariais que nos estratégicos”

“Nom se vam desmantelar os parques da Rede Natura”

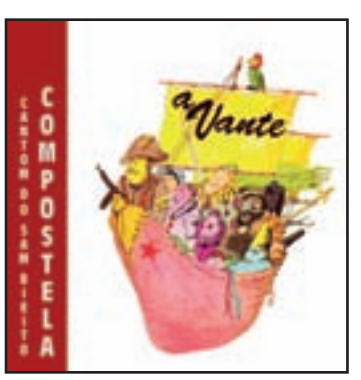
R.R. / Um dos aspectos mais controvertidos dos diferentes repartos eólicos foi o impacto que a instalaçom de aerogeradores tem necessariamente sobre a natureza. Ainda ficam na retina as multitudinárias manifestaçons convocadas pola rede Galiza Non Se Vende durante a etapa final do bipartido, com o setor do vento ocupando um lugar central entre as reivindicaçons ambientalistas.

Hoje em dia, mais de metade da potência eólica instalada na Galiza está em espaços naturais protegidos pola Rede Natura 2000. Rosa Regueiro explica que esta “aberraçom” se instalou em grande parte antes da chegada do governo bipartido à Junta, mas foi durante o governo de Touriño e Quintana que se deu o último visto bom a alguns parques que ainda estavam em tramitaçom.

A lei atual proíbe instalar novos aerogeradores nesses espaços protegidos, mas a grande maioria da potência já está instalada e a funcionar. Quanto à possibilidade de que estes aerogeradores venham a ser desmantelados, a professora Regueiro mostra-se céptica dado que muitos desses parques som os mais produtivos da rede. Regueiro crê os parques eólicos nom serám desmantelados, nem mesmo a meio prazo, quando os moinhos instalados ficarem obsoletos. A outra opçom ante a obsolescência é que a Junta autorize umha repotenciaçom dos parques, isto é, a substituiçom dos aerogeradores obsoletos por outros mais novos, mais produtivos, maiores e, também, mais lesivos para com o ambiente. Poderiam produzir até o dobre de energia.

> Mais de metade da potência eólica instalada está em espaços da Rede Natura 2000

Mas os aerogeradores tenhem um impacto ambiental quer estejam situados na Rede Natura ou fora dela. Umha das grandes lacunas que arrastou a maranha normativa relativa ao setor eólico foi precisamente o baleiro quanto à proteçom do ambiente. Até a instauraçom da figura da taxa eólica, após a lei 8/2009, nom havia nengumha medida que gravasse polo impacto ambiental. A professora Regueiro destaca que este gravame tem um grande problema: a taxa paga-se por número de aerogeradores, nom por potência instalada. Assim, um moinho pequeno de pouca potência paga a mesma taxa que um grande aerogerador que produza maior impacto ambiental. Hoje, aproximadamente sete em cada dez aerogeradores galegos som antigos. Os mais modernos adoitam ser propriedade das grandes firmas do setor, que exploram 70% da força do vento.



A EXAME

Encerram a fábrica da multinacional armamentística General Dynamics deixando centos de trabalhadores no desemprego

A EMPRESA PASSOU DE DE TER UM PLANTEL DE 2.000 TRABALHADORES A APENAS 200 EMPREGOS HÁ UM MÊS

A fábrica de armas da Corunha bota o fecho

Após quase um século de história da indústria Santa Bárbara, nascida para fornecer de armamento o bando nacional durante a guerra civil espanhola de 1936, a multinacional norteamericana decide fechar as suas portas. Por enquanto nom se conhece o motivo da empresa, que nos últimos anos passou de ter um plantel de 2.000 trabalhadores aos apenas 200 empregos que até há um mês sostinha.

DÁNI CAO / Os galpons de Santa Bárbara foram adquiridos por General Dynamics durante os primeiros anos dous mil, numha operaçom que incluia diversas fábricas por todo o território do Estado. A produçom, centrada nas armas ligeiras, mas que também produzia peças para armamento aéreo ou carros de combate foi em divesas ocasions diversificada.

Os trabalhadores, mediante o seu comité de empresa, estám a realizar diversas protestas, tanto na cidade da Corunha como na capital do Estado, com a intençom pressionar o Ministério de Defesa para que se faga cargo da situaçom e, a poder ser, procure novas vias de financiamento mediante a assinatura de contratos de exportaçom.

A realidade é que a decissom parece estar guiada polo ánimo da empresa por reduzir gastos. Este argumento nom choca, por tanto, com o argumento de diversos coletivos pacifistas e de organizaçons em defesa dos direitos nacionais do povo palestiniano. Estes últimos movidos por um duplo argumento, em primeiro lugar pôr entraves à carreira armamentística posta em andamento polo Estado de Israel, para rematar definitivamente com a invassom do território palestino e, por outra banda, para denunciar o incumprimento por parte do Estado espanhol de diversos tratados internacionais em que se inclue a cláusula de que os Estados nom podem comercializar armamento com países que se encontram em pleno conflito bélico, como é o caso.

> Continuar a produçom resultaria nocivo para os operários

A reivindicaçom fundamental de ambas partes está sustentada nom só no argumento pacifista de acabar com todo o tipo de violência, contestado habitualmente desde o sindicalismo de jeito que esta postura ia diretamente contra da forma de vida dos operários da fábrica, senom que se sustenta também em que continuar com a produçom armamentística ia diretamente também contra essa forma de vida, como assim se demostrou.

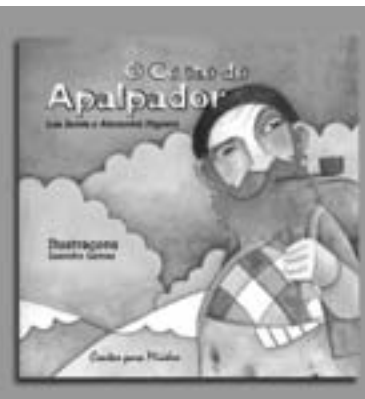
MUITO MAIS QUE IMPRENSA!

AUTODETERMINAÇOM

- DIREITO DE AUTODETERMINAÇOM, UM POTENCIAL DEMOCRÁTICO
- Texto de Henrique del Bosque Zapata, prologado por Uxío-Breogán Diéguez Cequiel
- Editam: Causa Galiza e A Fenda
- 8 euros (com os gastos de envio)
- Breve e acessível manual sobre o direito de autodeterminaçom e a sua aplicaçom na Galiza
- Versom em norma AGAL e RAG

ATLAS HISTÓRICO

- ATLAS HISTÓRICO DA GALIZA E do seu Contorno Geográfico e Cultural
- Texto de José Manuel Barbosa
- Design Gráfico e Ilustraçom de José Manuel Gonçales Ribeira
- 50 euros (gastos de envio incluídos)
- Edita: Edições da Galiza
- Amplo percurso pola história da Galiza através dos diferentes mapas de cada etapa a toda a cor



O CONTO DO APALPADOR

- Textos de Lua Sende e Alexandre Miguens
- Ilustraçons de Leandro Lamas
- 15 € (gastos de envio incluídos)
- Editam: Edições da Galiza e A Fenda Editorial
- Cuidada ediçom para crianças que aborda a figura do mítico personagem natalício
- 34 páginas, 12 ilustraçons, tampas duras

Solicita-os em: encomendas@novasgz.com ou no telefone. 692 060 607

MEDIA

A CRTVG é um bocado apetecível paras as empresas privadas de comunicaçom

A Galega: aguardando por umha reforma estrutural

X.R.S. / No último mês voltava ao parlamento autonómico o segredo a vozes que é a histórica submissom dos meios da CRTVG à Junta da Galiza de turno e os seus interesses propagandísticos. Após as denúncias repetidas do Comité Inter-empresas, na comissom parlamentar de control da mesma o Diretor-Geral da companhia pública respondia negando todo às perguntas da deputada do BNG Montse Prado. Alfonso Sánchez Izquierdo desviou a causa dessas denúncias ao processo de negociaçom do convénio coletivo, em que os sindicatos procurariam empregar as acusaçons de "Manipulaçom"e "Intervençons no trabalho"como mecanismo de pressom contra a direçom.

Com certeza, a ninguém escapa nesta altura a absoluta veracidade das denúncias das trabalhadoras e trabalhadores. Desde a sua criaçom, a CRTVG veu funcionando ao serviço do governo autonómico. Mesmo na recente etapa do bipartido, em que som inegáveis os esforços -e resultados, também- cara a modernizaçom nos conteúdos da companhia e o exercício das suas funçons informativas e formativas como serviço público, a realidade é que essas mudanças se figérom a custa de postergar umha reforma estrutural que efetivamente garantisse a independência informativa nos mídia públicos.

> Desde a sua criaçom, a CRTVG veu funcionando ao serviço dos governos autonómicos de turno
>
> Devem deixar de fazer espetáculo de conflitos paroquiais com tom de 'pintoresquismo'

Linha editorial ou eleitoral?

E assim damos em que a posterior mudança de governo se permitisse trazer consigo umha cheia de passos atrás nem só em pluralidade de vozes mas também em inovaçom nos formatos. Daí que ainda hoje, perto dos 28 anos desde a primeira emissom da Televissom de Galiza, o seu quadro de pessoal tenha que estar a exigir a criaçom imediata do Estatuto Profissional, focado a reforçar a independência de trabalhadores e trabalhadoras à hora de tomarem decisons relativas à "Qualidade, profrissionalidade e indepêndencia dos conteúdos" Canda isso, e recolhido igualmente na Lei de mídia públicos aprovada em 2011, viria a criaçom dum Conselho de Informativos, organismo de deliberaçom e participaçom dos profissionais nas decissons coletivas a respeito tamém da "Veracidade e objetividade" das informaçons das canais pertencentes à companhia.

O caso, a dia de hoje, é que o governo de turno continuará a ser quem designe diretores e diretoras de informativos e por tanto, quem marque a linha editorial dum meio na que a única e estrita diretiva devesse ser o serviço à cidadania galega. Podemos, mesmo, aceitar a afirmaçom -naïve ou malintencionada- de que nom existem manipulaçons deliberadas por parte do governo, com que Alfonso Sánchez Izquierdo se defendia na comissom parlamentar já comentada. Mesmo que só se trate de diferênças de enfoque entre os diretores de informativos e as suas redaçons, sendo o critério dumha só pessoa o que se impom sobre o do conjunto de profissionais, e sendo essa pessoa eligida indiretamente polo governo cada quatro anos, esses 'enfoques' vam continuar sob suspeita a perpetuidade.

Da denúncia à açom

Certo que, como vem de acontecer, os sindicatos presentes na companhia pública denunciam de quando em vez essa manipulaçom informativa. Desta vez, ao parecer, por ter-se agravado "Nos últimos meses por mor dos diversos casos de corrupçom política que estám a sair à luz pública, como por exemplo o Caso Pokemon ou o chamado Caso Bárcenas".

Respeitável denúncia, digna de apoio, que se mostra, porém, insuficiente. Que enquanto a CRTVG leva anos a incumplir as suas obrigas, toda a queixa seja a impossibilidade de participar do espetáculo da política institucional, mesmo que seja para bater em quem manda, nom avonda. Essa companhia leva anos a forçar os seus trabalhadores e trabalhadoras nom só a manipular e portanto vulnerar o direito coletivo à informaçom, que devem à sociedade galega, mas a vulnerar direitos individuais a mantenta, passando por riba da presunçom de inocência e o direito à intimidade quando a agenda de manobras de distraçom do governo o exige.

O que acontece cada dia sem que os sujeitos coletivos em que os e as profissionais da informaçom se organizam digam umha palavra, é análogo a doutores a fazer umha má operaçom para ter mais trabalho com umha segunda ou terceira, ou a dar tratamentos enganados para converter pacientes em cobaias involuntárias porque a direçom do centro o reclama. Assim, passando por alto as obrigas com a sociedade e pisando "polas lentelhas" direitos individuais, nom vam ser críveis as denúncias porque nom há espaço para o caso Bárcenas.

"Canha" ao Partido Popular, sim, mas deixar de ser papagaios de notas de imprensa policiais, ou de fazer espetáculo de conflitos paroquiais com esse tom de 'pintoresquismo' com o que se vê todo desde Sam Marcos, também é imprescindível. Se o pessoal dos meios públicos quer apoio da sociedade, que esta se faga partícipe dumhas ferramentas que som suas como sim acontece com outros serviços públicos, deve esforçar-se mais em demostrar que tenhem a intençom permanente de fazer a melhor comunicaçom possível para o conjunto da cidadania. Seja com campanhas de objeçom, com a denúncia permanente dos casos concretos, seja com paros ligados a estas questons e nom só às salariais, mas de seguro com conflito, ham demostrarem que estám dispostos a arriscar o seu posto de trabalho se for necessário, para exercer como profissionais. Que sabem, já que logo, a quem é que se devem como trabalhadoras e trabalhadores dum serviço público.

NOTAS DE RODAPÉ

Pescanova, vítima da expropriaçom das caixas de aforros galegas

A Pescanova precisa de crédito. A quantidade ponte que os bancos lhe estám a recusar é menor em relaçom ao seu enorme tamanho financeiro. Mediante o alarme desatado nos meios poderá conseguí-la.

As empresas de informaçom dos proprietários nom nos dam a clave de por que a Pescanova tem agora dificuldades para obter crédito. Notamos que nos seus primeiros 55 anos de funcionamento nom conhecera tal problema. "É a crise", concordam vários diários galegos. É a expropriaçom das caixas de aforros, ou nom queremos decatar-nos.

Enterramentos e casamentos de coroados britânicos produzem milionárias concentraçons. Um tópico do jornalismo de ordem é o comentário admirativo da seriedade e ausência de incidentes daquelas marés populares. Em Caracas o povo inteiro acompanha em ordem as exéquias de Chávez. "O populismo atinge o seu zénite", di a TVE. Libertad Digital observa: "Caracas se haitiniza y em todo el país surge ese perfil de escombros y detritus de perros típicos del socialismo".

A Ence está em campanha contra a data de caducidade da sua licença. Agora insiste em caros anúncios de orvalho verde em que nom usa cloro. Já que nom precisa de cloro, como di, poderia prescindir da fábrica da Elnosa, de gás cloro, causante de vários acidentes mortais e ameaça para a gente que vive à beira.

O anúncio da Ence "livre de cloro" é unha intermitência da fábrica nos últimos 25 anos. Nunha daquelas promoçons, a fábrica de gás cloro tivo de fechar por unha avaria. A de papel livre de cloro fechou a seguir. O cloro era preciso. Igual que hoje.

No conselho da empresa pasteira entram Isabel Tocino, ex-ministra do Ambiente de Aznar e Carlos del Álamo, ex-conselheiro do Ambiente de Fraga. Nom existem incompatibilidades mas o escándalo nom se regula por Lei.

Na pluralidade está o êxito. Comenta-o o juiz Ventura Pérez Mariño, ex-alcalde de Vigo nun jantar-homenagem pola sua despedida das punhetas e da toga. Vejam a policromia política dos amigos de Pérez: Policia Local de Vigo, Policia Nacional, Guarda Civil, TSXG, Consejo General del Poder Judicial, magistrados, juízas, secretários de julgados, o Alcalde de Vigo e o presidente da Xunta.

EM ANÁLISE

Para quase 60% da populaçom que tem umha vivenda hipotecada, esta representa “umha carga económica pesada”

Continua a aumentar o número de moradas vazias na Galiza

A CONSTRUÇOM DE HABITAÇOM PROTEGIDA É UMHA BOA FONTE DE INGRESSOS PARA CONSTRUTORAS E CONTRATISTAS

Os últimos dados oficiais conhecidos sobre despejos falam de que até setembro do ano passado mais de 3600 famílias perdérom as suas moradas pola execuçom hipotecária. Em total, calcula-se numhas 10.000 as famílias que fôrom despejadas desde 2007 (embora as associaçons que trabalham contra os despejos assegurem que som muitas mais). Além disto há que levar em conta que o governo espanhol decidiu nom publicar dados oficiais sobre desepejos até 2014. Outra variável da situçaom da vivenda som as pessoas sem lar, que também segundo dados oficiais, som umhas 4500 pessoas na Galiza, passando a ser a segunda comunidade de todo o estado com a relaçom mais alta:133 por cada 100.000 habitantes. Neste artigo pretendemos analisar a política de vivenda da Junta.

XAVI MIQUEL / Em contraposiçom aos dados oficiais de gente afetada pola situaçom imobiliária, estám as estatísticas sobre os dados da vivenda. Um indicador claro sobre esta situaçom seria as habitaçons vazias que há na Galiza, mas as estatísticas e os informes falam de diversas cifras. Os últimos dados oficiais som os do censo (que a falta de atualizar a fim de este ano, som de 2001), polos que dos quase 1,3 milhons de moradas que havia na Galiza, 229.360 estavam vazias.

Por cidades cumpre salientar as 13.339 moradas vazias de Lugo (27,5% do total de vivendas da cidade), que supera de largo a média galega. Em Ferrol há 19,5% de moradas vazías, 19% em Ponte Vedra, 17,8% em Ourense, 16% em Compostela, 15% em Corunha e 14,6% em Vigo. Há que ter em conta que os dados som de antes que começasse a crise financeira e em pleno auge da bolha imobiliária. Segundo um informe da consultoria imobiliária LCD, atualmente na Galiza existem 252.296 moradas vazias.

Aquí há que ter em conta que é umha ponderaçom, já que a banca (que hoje em dia tem um stock de vivenda que segundo vários cálculos poderia estar entre os 700.000 e os 2 milhons de moradas) nom facilita os seus dados totalmente. Neste sentido, das mais de 1000 habitaçons que os bancos tenhem atualmente à venda e que som habitaçons que venhem dos embargos hipotecários, 53% concentra-se na província da Corunha, 36% na de Ponte Vedra, 12% em Lugo e 6% restante em Ourense.

Noutro balanço mais acurado do Ministério do Fomento espanhol de 2011, aparece que há 37.460 moradas de nova construçom em stock, o que representa 5,34% do total de moradas que há na Galiza.

Apartamentos de proteçom oficial

Embora o grande stock de habitaçom vazia chegue às quantidades antes mencionadas, a Junta continua a apostar na construçom de habitaçom protegida como umha das saídas à problemática da vivenda.

Desde 2008 iniciou-se a construçom de 7.222 moradas de proteçom e 8.514 fôrom acabadas no mesmo periodo. Assim, os preços, um dos principais atrativos deste tipo de habitaçom, eram em 2012 de 1105,2 euros o m2, enquanto os da habitaçom livre chegavam aos 1264,4 euros. Na última lei de vivenda aprovada polo PP em junho de 2012, introduz-se a co-propriedade dos apartamentos de proteçom oficial, com o que a propietária poderá acceder a umha habitaçom com 60% do preço e o resto estará financiado pola Junta.

Segundo os grupos da oposiçom e detratores da medida, esta só servirá para continuar a inflar o mercado hipotecário e dar saída ao stock de vivendas da banca, ademais de hipotecar as famílias com menos recursos, promovendo a compra de habitaçom, em vez de promover o aluguer social. Outra das polémicas nesta lei foi o que refire à percentagem de solo para habitaçom protegida, que passou de 40% do bipartido ao “ajuste à procura” na nova lei.

> Desde 2008 iniciou-se a construçom de 7.222 moradas de proteçom

Outros dados interesantes é como se re-destribui a vivenda na Galiza. Com dados do Instituto galego de Estatística (INESGA), 59,6% das moradas na Galiza som de propriedade sem hipoteca (ou bem que já está paga ou que foi de herança familiar), enquanto 21,61% de familias estám a viver em vivendas com umha carga hipotecária. O mesmo inquérito mostra que para quase 60% da populaçom que tem umha vivenda hipotecada, esta representa “umha carga económica pesada”. Unicamente o 10,41% das habitaçons estám em contratos de aluguer. Ademais, de entre mais de um milhom de moradas que existem na Galiza, um 10% aproximadamente som vivendas de segunda residência.

Os contratos favorecedores da habitaçom protegida

As políticas públicas de habitaçom protegida som atualmente umha boa fonte de ingressos para as construtoras e contratistas em horas baixas. À falta dumha empresa pública, a Junta injeta dinheiro público a estas empresas para todo o processo que supom a redaçom, consolidaçom e construçom da habitaçom protegida.

Destes contratos encontramos alguns que estám relacionados com os políticos do PP. Para colocar um exemplo, em 2010 a Junta adjudicou sem publicidade umha urbanizaçom de 8 moradas de proteçom oficial à empresa *Construcciones Mon* por 190.000 euros. Esta empresa, que é umha assídua nas obras públicas da Junta, é propiedade de Manuel Mon Rouco, que foi alcaide de Burela polo PP de 1995 a 2005.

Outro caso seria o da empresa *Decoración, Instalaciones y Construcciones* (umha empresa dedicada a vários ramos da construçom e que também tem vários contratos em diferentes conselharias), que em 2010 obtivo dous contratos de quase um milhom de Euros, por reparaçons e a redaçom dum projeto, concedidas polo Instituto Galego de Vivenda e Solo. O administrador único da empresa, Juan Ramirez Ucha, foi durante 8 anos o presidente do Clube Naval de Pontevedra, e durante o seu mandato aprovou-se a ampliaçom do Porto Nautico, um projeto conjunto com o Regedor de Urbanismo de Pontevedra, César Mosquera e o deputado do PP, Telmo Martín.

> A lei de vivenda promove a compra em vez do alugueiro

> Empresas afins ao PP recebem adjudicaçons de habitaçom protegida

EM DADOS: A HABITAÇOM NA GALIZA

10.000	despejos desde o ano 2007
4.500	pessoas sem casa (133 em cada 100.000 habitantes)
252.296	casas sem habitantes
166.459	casas de segunda residência
36.451	casas nas maos dos bancos

CRÓNICA GRÁFICA

Mulheres que som

Texto e imagens:
Vera-Cruz Montoto Vázquez

Ao fio da celebraçom do Dia Internacional das Mulheres achegamos umha pequena foto-reportagem de companheiras de outras latitudes, protagonistas de luitas que som para nós um exemplo de força e determinaçom. Ativistas que abordam o conflito desde a primeira linha, a sua extraordinária capacidade de resiliência, tambem descrita como "a tenacidade mais aló da resistência", salienta mais se cabe o seu papel fundamental na consecuçom da coesom social imprescindível para que sexamos os povos quem ganhemos a(s) luita(s).

ALIMENTANDO O MUNDO [QUITO, PICHINCHA, ECUADOR. 2010]
Labregas da regiom andina participando numha marcha convocada pola Coordinadora Latinoamericana de Organizaciones del Campo (CLOC-Vía Campesina). Na atualidade, um 70% dos alimentos consumidos no mundo som produzidos por mulheres. Nestes últimos anos, as mulheres indígenas dos distintos continentes som um referente em processos de empoderamento, e os povos aos que pertencem protagonizam a estratégia de luita que com mais contundência se está a opor ao modelo capitalista neoliberal que pretende expoliar a biodiversidade do seu território.

DIGNIDADE REBELDE
[MUNICÍPIO AUTÓNOMO LA REALIDAD, CHIAPAS, MÉXICO. 2012]
À violência estrutural contra a que luitam as mulheres chiapanecas vem-se engadir a violência derivada da situaçom de guerra de baixa intensidade (GBI) existente no seu território desde o ano 1995, "umha estratégia global de contrainsurgência que abarca aspectos económicos e psicológicos e que comprende três frontes: o castrense, o civil, e o da opiniom pública". Na imagem, mulheres zapatistas expulsadas da comunidade 'Nuevo Poblado Comandante Abel' por um grupo de paramilitares: "O que nos fai o mal governo tentando invadir é a sua forma de guerra e desgaste para nos render. Nom deixamos a nossa luita e nom vamos render-nos. Eles pensam que sim, mas nom nos vamos render".

O BERRO QUE UNE
[SAN CRISTÓBAL DE LAS CASAS, CHIAPAS, MÉXICO. 2012]
"Chamamos a outras companheiras e companheiros para contar-lhes o que está a acontecer e assim organizar-nos e luitar juntas e juntos, defendendo os nossos direitos como mulheres e como comunidades indígenas, para que seja tomado em conta o nosso direito à terra e a viver conforme aos nossos costumes (...)". Declaraçom extraída do Foro Popular pola Defesa da Terra, o Território e a Soberania Alimentar. Na imagem, umha companheira indígena maia participando na manifestaçom do Dia internacional contra a violência machista, conmemorado no marco da realizaçom deste Foro.

DOCUMENTAR A NOSSA PRÓPRIA REALIDADE [JERUSALÉM, PALESTINA. 2010]
Umha mulher grava umha manifestaçom na contra do derrubamento de um bairro palestiniano na zona de Jerusalém Oriental. A luita do povo palestiniano contra a ocupaçom israeli é sem dúvida um dos conflitos que mais presença ten adquirido nos meios de comunicaçom. A possibilidade de documentar as nossas própias luitas é umha ferramenta fundamental nom só para a difusom das mesmas, senom tambem para eludir a manipulaçom mediática com a que amiúde adoitam ser distorsionadas.

MULHERES DA WILAYA SMARA
[ARGÉLIA, 2009]
O povo saaraui é admirado por ter sido quem de se articular como um pais soberano mália levar quase corenta anos vivendo em campamentos de refugiadas/os. No contexto de conflito armado ativo, no ano 1976 as mulheres saarauis adquirirom a maior responsabilidade na posta em pe destas wilayas e, segundo dados da Fronte Polisaria, na atualidade son as responsáveis do 80% da gestom administrativa das mesmas.

CULTURA

"A BD tem também umha vertente de denúncia social, já que acho que é umha boa canle de comunicaçom com o leitor"

ENTREVISTA A DAVID RUBÍN, ILUSTRADOR, DESENHADOR E GUIONISTA DE BANDA DESENHADA

"Há que esquecer os preconceitos: a banda desenhada nom é apenas cousa de crianças"

A.R.G. / Combinei com David Rubín (Ourense, 1977) no café de Macondo, na Corunha. Digeram-me que era um tipo grande, e figem umha procura na Rede para poder reconhecê-lo quando entrasse pola porta. Nom tinha visto a sua face, mas si o traço dos seus desenhos, pintados na parede dum café histórico, nas folhas das Barsowia que tenho pola casa, num lenço de papel na parede dum dos meus bares favoritos... É um dos desenhadores de BD galegos mais conhecidos internacionalmente, e há uns meses publicou a segunda parte da sua novela gráfica El Héroe (Astiberri): perto de 600 páginas -os dous volumes-, onde se achega, com todo o seu imaginário próprio, ao mito de Heracles, trazendo-o para o contemporáneo, e acrescentando-lhe os recursos da banda desenhada atual.

Fás parte dumha importante geraçom de autores de BD galegos que começastes a publicar nos primeiros 2000. Como foi o teu começo?

As primeiras bandas desenhadas que figem foi em Ourense, como muita gente, procurando abrigo nos concursos. A primeira vez que vim um trabalho meu publicado, foi no catálogo da Casa da Juventude. Assim foi como conhecim outros autores, como se formou o coletivo Polaqia, e como começamos a autopublicarmo-nos. Quase em paralelo, surgiu BD Banda, e a revista, Golfiño de *La Voz de Galicia*, onde também publiquei por um tempo. Como queria ganhar a vida com isto, pensei em ir devagarinho e com boa letra. Primeiro fum publicando em fanzines e revistas de banda desenhada de ámbito estatal, ao tempo que mantinha a atividade nas publicaçons galegas. Graças a isto, chamei a atençom das editoriais, e surgiu oportunidade de publicar o meu primeiro livro com Astiberri.

De onde é que surgiu a vossa geraçom?

Da necessidade. Nom era como agora que, nom sendo a oitava maravilha do mundo, na última década tem-se avançado muito na BD na Galiza. Naquela altura, nom havia onde publicar, nem praticamente havia fanzines. Cada vez que saia umha publicaçom -quase todas eram amadoras, e ninguém cobrava-, duravam um número ou dous. Dessa necessidade figemos virtude, e quase em paralelo surgírom estas duas alternativas autofinanciadas. Conseguimos algo que, até aquela altura, era impensável aqui: publicar umha revista 100% em galego -*Barsowia*-, que era distribuída em todo o Estado; e, por cima, sacar dinheiro suficiente para seguir publicando. Fechamos quando vimos que já nom éramos necessários, notávamos que nos vencia a falta de vontade, tendo carreiras em paralelo, e que nos custava ter tempo para o coletivo. Em vez de deixá-lo morrer, quigemos fechar essa etapa e ir-nos como estrelas do rock. Porém, de Polaqia terminárom saindo novos projetos editoriais que fam que o panorama da BD galega ainda seja mais amplo.

Como era o mundo da BD quando tu começavas?

Internet ainda estava nos inícios, sem blogs nem redes sociais, sem poder mandar um pdf mui pesado por correio... Íamos aos salons de banda desenhada -Corunha, Barcelona...-, com a pasta debaixo do braço para ensinar os projetos. A minha primeira publicaçom profissional foi assim: fum a Barcelona, com originais, porque nom tinha dinheiro nem para fazer fotocópias, e finalmente conseguim publicar em Astiberri. A partir de aí véu todo rodado. Publicar é ter sorte, estar no momento e lugar apropriados, mas as maior parte das vezes é trabalho. Quando nom via um euro disto, tinha umha produçom bastante forte para um rapaz que só trabalhava para fanzines, mas eu pensava em sementar, para depois recolher. Acho que agora estou recolhendo o que germinou na última década. Nom é algo que acontecesse de um dia para outro, mas fôrom vindo cousas. Ajudou bastante que me nominassem como autor revelaçom no Saló de Barcelona, mas o que terminou de dirigir a minha trajetória foi *La tetería del oso malayo* (2006), um livro que achava que nom ia funcionar mui bem comercialmente, porque era mui pessoal. Mas com ele passei de ser um desconhecido a que se esgotara em mês e meio a primeira ediçom. Agora vai pola terceira, e continua a ser vendido. Foi a obra que me abriu a mais público e à indústria da banda desenhada estatal.

Em dezembro passado apresentaste o segundo volume de *El Héroe*. Foi para ti umha mudança grande passar das pequenas histórias a um volume de meio milhar de páginas?

Foi um processo natural. Comecei em revistas e fanzines, e as minhas primeiras primeiras publicaçons

bebiam disto. *El Circo del Desaliento* (2005) é um recompilatório dessas histórias, algumhas mais longas. Com *La tetería* passou o mesmo, mas *Cuaderno de Tormentas* (2008) já era umha história em si, umha ruptura com todo o anterior. Nom quigem seguir esta senda porque gosto de ir além, de nom aborrecer-me com isto. Depois dum trabalho escuro como Cuaderno, a gente nom aguardava que chegasse umha obra de açom e aventuras como *El Héroe*. Também é certo que cada obra depende de um momento e de um estado de ánimo. Quando comecei com *Héroe*, estava farto do meu trabalho em Dygra Films: levava um ano sem cobrar e nom me apetecia fazer umha história triste. Quando saía da empresa, escrevia o guiom de umha obra que me fazia sentir bem, crer em algo, e usar umha série de ideias às quais levava tempo dando-lhe voltas. Umha dessas ideias era o tema das bandas desenhadas de super-heróis. Crescim lendo-os, e ainda gosto deles. Nom de todo o que se fai agora, mas valorizo-o como o género mais autêntico que há dentro da banda desenhada. Incomoda-me ver que agora é todo um tema de merchandising, do que saem filmes que saem de bandas desenhadas que saem de filmes. Já nom som nem divertidos. Apetecia-me voltar a esse espírito, do que gostava quando era rapaz, mas num romance para adultos.

Como nasceu a ideia de levar ao teu terreno o mito de Heracles?

Pensei em que o melhor era ir diretamente à génese, ao primeiro super-herói de todos: Heracles. Os heróis de Marvel nom deixam de ser umha especie de panteom modernizado, derivado dos mitos gregos. A ideia era levar os mitos gregos ao meu, mas mantendo a essência. Podes mudar o que queiras, acrescentar anacronismos, um detrás de outro, -temas sociopolíticos que me preocupam, umha catana...-, mas continua a ser Heracles e as suas 12 provas. Além disso, acho que na BD nom está todo feito, e que numha boa história, o importante nom é apenas a história em si, senom como é contada. Passa o mesmo no cinema ou na música. Também queria demostrar que se pode fazer umha novela gráfica de açom e aventuras, cheia de recursos da própria banda desenhada. Em muitas BD vejo recursos narrativos importados doutros meios, como o cinema, mas eu queria justo o contrário: fazer umha espécie de manifesto de que na BD nom todo está dito, e que ainda restam muitos caminhos narrativos que percorrer. O Héroe tem também umha vertente de denúncia social, já que acho que a BD é um bom canal de comunicaçom com o leitor para transmitir-lhe as nossas inquietudes.

Como vês a "indústria" da BD na Galiza. Falavas de que a cousa mudou muito na última década...

Na Galiza, por desgraça nom se lê muito. E do pouco que se lê, nom é em galego. E ainda dentro da minoria que lê na nossa língua, há pouca gente que lê BD. Há um problema de base, mas eu som otimista, talvez isto mude porque nestes últimos cinco ou seis anos está a acontecer algo que nom tinha acontecido nunca antes na Galiza: a BD entrou nos centros de ensino. Até há nada, com um pouco de sorte, só havia *Astérix* e *Tintín*. Agora, mesmo nas bibliotecas públicas, podes encontrar um pouco de todo: de *V de Vendetta* a *Maus* ou *Persépole*. Aliás, os bibliotecários e os professores que encarregados de nutrir essas coleçons tenhem umha sensibilidade, um interesse polo que se fai aqui. Com 12-14 anos, a mocidade já sabe que há um tecido artístico, mesmo industrial, relacionado com a BD na Galiza, cousa que nom existia quando eu tinha a sua idade. Sabem que se fam e se publicam cousas, e isso imagino que ajudará a que esses moços e moças nom tenham os prejuízos que tem a gente da minha quinta que nom lê bandas desenhadas porque pensa que som para crianças. Também há muitos neo-leitores que estám a descobrir este mundo graças à novela gráfica. Para além disso, também ajudárom as novas ediçons das BD, que agora estám encadernados como novelas ou livros doutro tipo. Estám a mudar muitas cousas, e salons como o Vinhetas, na Corunha, as jornadas de Ourense e a criaçom da escola de BD O Garaxe Hermético em Ponte Vedra, onde se aprende o ofício, estám a ajudar a que a situaçom seja mesmo melhor. Também há que ter em conta a madurez de muitos autores e autoras que já tenhem a sua voz gráfica marcada. Todo é um suma e segue. Há que tentar conquistar leitores e eliminar os prejuízos: fazer-lhes ver que a banda desenhada pode ser compatibilizada com a novela.

Com que novo projeto andas agora?

Estou a preparar umha novela gráfica com o guionista madrileno Santiago García, sobre Beowulf que será publicada em Natal. Queremos fazer algo mui fiel ao poema original anglosaxom, usando todas as ferramentas da BD moderna para contar umha história bem antiga. Um pouco o que figem com *Héroe*, mas levado mais longe.

Os apoios ao português na Galiza chegam às 17 mil assinaturas

REDAÇOM / A Comissom Promotora da Iniciativa Legislativa Popular "Paz-Andrade" para desenvolver a língua portuguesa e os vínculos com a Lusofonia, entregou no passado dia 8 de março 17.000 assinaturas para que a Proposta de Lei continue a sua tramitaçom.

Seis meses depois de ser apresentada ante o Parlamento da Galiza, a Comissom Promotora da Proposta de Lei por ILP que leva o sobrenome do homenageado do Dia das Letras Galegas do passado ano, Valentim Paz-Andrade, formalizou a entrega dos 17.000 apoios que asseguram a continuaçom da sua tramitaçom parlamentar. A iniciativa procura umha série de medidas que facilitem o acesso da cidadania galega ao universo da língua portuguesa, e um maior relacionamento com a Lusofonia.

Entre as propostas do articulado, figuram a progressiva incorporaçom do português no ensino, o fomento da participaçom das instituiçons e empresas galegas nos foros económicos, culturais e desportivos lusófonos, a recepçom aberta das televisons e rádios portuguesas e o reconhecimento desta competência linguística para o aceso à funçom pública.

As pessoas promotoras da ILP explicam na exposiçom de motivos da proposta que "a nossa língua outorga umha valiosa vantagem competitiva à cidadania galega em todas as vertentes, nomeadamente a económica, desde que disponhamos dos elementos formativos e comunicativos para nos desenvolver com naturalidade no seu modelo internacional".

A CARPINTARIA DE RIBEIRA DE BUEU é a única que se conserva em toda a Ria de Ponte Vedra

Desbloqueiam a recuperaçom do Estaleiro de Purro

REDAÇOM / A Direçom Geral de Costas comunicava no passado 8 de março à Cámara Municipal de Bueu que considerava viável a atuaçom de reabilitaçom do estaleiro tradicional de Purro, sempre que estas se limitem ao prédio atual do estaleiro, e que o destino das mesmas seja museológico.

A Cámara Municipal começará agora a redaçom dum plano de obra que deverá remitir a Costas, com vistas a obter a concessom definitiva que permita atuar. O projeto de recuperaçom deste conjunto, integrado há dous anos no Inventário do Património Cultural, estava paralisada a falta do relatório prévio de Costas.

A Coordenadora pola defesa do estaleiro, que leva tempo a mobilizar-se pola sua recuperaçom, manifestou a sua satisfaçom pola chegada do relatório remetido polo Ministério de Meio Ambiente, que avaliza a recuperaçom da carpintaria de ribeira de Purro, mas sublinha o seu pedido de que este projeto seja desenvolvido com o máximo rigor possível, respeitando a sua conservaçom e sem que se desvirtuem os seus elementos. Assim o manifestava um dos representantes do coletivo, Fernando García, que expressou assim mesmo a sua surpresa "porque nom esperávamos que esta resposta chegasse tam aginha".

'Ritmo sérbio' e 'Pensares galegos'

REDAÇOM / Terbutalina volta aos cenários após um 2012 com umha agenda mui apertada, sobretodo nos festivais do verao. Mas agora venhem com um novo disco baixo o braço: Ritmo serbio que, contam, contém cançons "rápidas e diretas aos pulmons", que incidem na sua fórmula: "festa, velocidade e empada". O disco, que se pode escutar e descarregar de balde em diversas plataformas, foi gravado no Estúdio A Ponte de T. Ageitos, em Ames, e apresentado no passado 7 de março na Sala Capitol de Compostela, junto aos Familia Caamagno. Trata-se de catorze temas enérgicos e breves na linha punk do seu segundo trabalho, *Broncodilatador* (2011), onde as guitarras tenhem mais protagonismo e os arranjos fôrom mais cuidados.

Outra banda que também apresenta novo disco por todo o alto é A Compañia do Ruído: com um percurso em catamarám pola Ria de Arouça. *Pensares galegos* é o título do seu sexto trabalho, gravado graças ao crowdfunding. Trata-se de 14 cançons entre as quais há versons de grupos como Zënzar, Os Diplomáticos de Montealto, os JJJ e de temas antigos do próprio grupo. As entradas para a apresentaçom do disco, que será no próximo dia 23 de março, já estám à venda, por 30 euros, um preço que inclui comida, umha cópia do CD e as atuaçons de O Leo e Arremecághon, Cé Orquestra Pantasma, La Magnifique Bande, De Botero a Bo Derek (Paulova e Manu Mimé), A Rebanda Ribeira e os próprios A Compañía Do Ruído.

O setor da cultura perde perto de 3.000 postos de trabalho em 2012

REDAÇOM / Segundo publicava a começos de mês o portal *Cultura Galega.org,* tomando dados do Observatório da Cultura, em 2012 houvo 2.800 empregos menos no setor da cultura, o que implica um descenso de 11.6% com respeito ao ano 2011.

Segundo o relatório do Observatório da Cultura, realizado através de fonte do Ministério de Trabalho e da Segurança Social espanhol, a começos de março de 2013, havia registradas 21.400 pessoas a trabalhar no eido cultural na Galiza, uns dados mais achegados aos registrados no ano 2004. O descenso do emprego cultural na Galiza é mais alto do que a media estatal, que só perde 6% neste setor.

DESPORTOS

PARTICIPAÇOM GALEGA NA LIGA PORTUGUESA

A equipa compostelana Galiza Black Ravens acaba de debutar na 4ª ediçom da Liga portuguesa de futebol americano. Os Black Ravens continuam a tradiçom iniciada polos GZ-Black Towers, a extinta equipa galega que participara nas três anteriores ligas portuguesas.

GALIZA VS. ESPANHA EM RÁGUEBI

A seleçom galega absoluta medira-se com o combinado espanhol Sub-19, o 17 de março em Ponte Vedra. O amigável está organizado polo clube Mareantes RCP, dentro do programa de atos que comemora o seu 25º aniversário, e conta com a colaboraçom da Deputaçom.

A festa do "Moimenta-Bilharda All Stars" acolheu a histórica e incendiária leitura do I Manifesto Indígena Galego

XERMÁN VILUBA / Um sexto sentido sai a flote quando aparece umha açom global e tam brutal como a deste All Stars 2013, que foi coordenado polos irmaos da referencial Associaçom Cartabullo de Moimenta. Desde o meio-dia até bem entrada a madrugada, os superviventes do assédio, após a disputa na pista de Moimenta, manhá de concurso de triplas e mates e tarde de luta pola já mítica Cachucha do All Stars no multitudinário Aberto das Astrelas, reunírom-se à volta de um bafo de lume no meio da gélida noite chairega. Foi apenas a uns metros da pista de jogo, no Bar Saloon de Moimenta, onde foi realizada a grande festa-concerto do All Stars, onde que se fijo leitura do primeiro Manifesto Indígena Galego. Foi o seu profeta, Tonho Randeeira, quem do seu punho, letra e garganta gerou este rego de força, para abrir um de novo histórico concerto de Ex-Tension Agrária. Após a brutal descarga de quimbumbia e carabulhos sonoros dos ultra-Korunhos Ulträqäns. Imagens de extrema dureza nublou o horizonte numha noite em que os da Corunha pugérom os anti-névoa e desafiárom, com o seu poderoso e magistralmente faturado folk-rock, a ginetes, cavalos e javalis que se cruzárom no caminho, deixando um listom à altura das estrelas para os indigenistas de Ex-tension Agrária, que saírom com a firmeza de um boi da chega procurar o corpo a corpo com o seu sempre desafiante público. Hugo Chávez e Bilharda Sempre... Viva a República Indígena Galega!

1º manifesto indígena galego

Tonho Randeeira
Billarda All Stars_2013

Mudou o ar que sopra
Mudou o lugar
mas o que nom muda é
a nossa mensagem que é
firme como as gadanhas
que forjam os ferreiros
de Riotorto e da Terra Chá
Gentes da Terra Chá
Irmaos da bilharda!
Espanhóis... nenhum!

A música de Ultraqans
e de Ex-Tensión entra em fusom
com todos vós para
emitir decibéis sonoros
carregados de raiva.

Nom mais despejos
obreiro suicidado,banqueiro
guindado... acabou
o problema!

Que arda Caixa
Galicia e os cabrons
que nos assaltam

Non queremos emigrar,
esta é a nossa terra
que vaiam para o
caralho os cabrons dos
caciques que nos roubam
Passa o Minho perto,
bom sitio para os afogar

E, sobretodo, nesta
terra de luita dizemos:
Nom à mina do Seixo!
Galiza nom se vende!
A Terra Chá tampouco!

Seleçons galegas num mundial de futebol-ténis?

C.C.V. / Há quem di que a próxima bolha a estourar com a crise será a do futebol. Alguns gigantes empresariais como os clubes da LFP acumulam dívidas mastodônticas, a pesar dos indultos fiscais que lhe dam os governos que nom se atrevem a tocar o ópio do povo.

Ao mesmo tempo, novas disciplinas muito mais humildes começam a organizar-se a nível internacional, criando um cenário mui favorável para o reconhecimento oficial de seleçons como a galega, com escassa margem nas federaçons atuais.

Novas jogos de futebol

Nos alvores do século passado o chamado processo de desportivizaçom fixou e padronizou como desportos "universais" os próprios do mundo anglosaxom, a potência económica do momento. Assim é que hoje som desportos olímpicos o futebol que se jogava na Inglaterra e nom o gaélico; o o criquete e nom a bilharda. Com o decorrer dos anos, nom só houvo variedades nom padronizadas que lográrom sobreviver, também surgírom muitas outras novas. Do futebol, por exemplo, nascérom o futebol de salom ou o futebol-praia e, mais recentemente, o padbol-pádel-futebol, o futvólei ou o futnet, o futebol-ténis.

O interessante destes novos desportos é que, amiúde, tenhem umha conceçom popular e de base. Aliás, para naçons sem Estado, como a Galiza, brinda a oportunidade de competir a nível internacional sem os impedimentos de sempre. Nestas novas condiçons, por exemplo, pudo conseguir a seleçom galega feminina de futsal ganhar um subcampeonato do mundo.

Ténis pé

Para jogar futnet é precisa umha bola parecida à do futebol e umha cancha como a de ténis, rede incluída. As superfícies de contato permitidas som as do futebol. No Mundial o jogo está dividido em três modalidades: individual, parelhas e trios, nas categorias absoluta e júnior para homens e mulheres. Luis Solano, presidente da Uniom Internacional de Futnet, defende a criaçom de umha federaçom unificada para este tipo de desportos derivados do futebol, ao jeito da dos desportos de inverno.

As potências mundiais som Chéquia, Eslováquia e Hungria, seguidas da França, Suíça e Coreia do Sul, a muita distáncia do resto. A Liga Checa é a mais potente, e um dos seus jogadores, Jan Van Kee, está considerado o melhor jogador do mundo.

É habitual que muitos dos melhores jogadores sejam ex futebolistas profissionais. Tal é o caso de Jhanny Flores, que após anos na Primeira Divisom de Costa Rica deu o passo ao futnet alcançando a internacionalidade.

Umha seleçom galega de futnet?

No passado mês de dezembro a cidade checa de Nymburk acolheu o Mundial de Futnet. A sua grande popularidade no próprio país e vizinhos foi refletida no sucesso de público: entradas esgotadas dous meses antes, 6.000 pessoas por jogo, retransmissom na televisom checa etc. Entre as vinte e umha seleçons participantes, umha chamou a atençom: a do País Basco. Nengumha equipa pujo inconvenientes à participaçom oficial, nem a francesa. Conta-se com ampliar muito o número de seleçons no vindouro mundial. Estará entre elas a Irmandinha?

As possibilidades estám aí. Além da boa disposiçom da UIF e o precedente basco; a nível interno as exigências nom som um impedimento: polas poucas jogadoras necessárias (equipas de 1, 2 e 3) e a fácil adaptaçom ao novo desporto de ex jogadoras e jogadores de futebol. Por outra parte, a cancha reduzida pode ser facilmente habilitada em lugares emblemáticos, como praças públicas, com vistas à sua popularizaçom.

Topas, 31 de dezembro de 2012.

O TAEKWONDO GALEGO SOMA 10 METAIS EM LUXEMBURGO

Novo sucesso da Seleçom Galega de taekwondo no Open de Luxemburgo ao atingir sete ouros, duas pratas e um bronze. Desde a inauguraçom do Centro Galego de Tecnificaçom Desportiva de Ponte Vedra, o taekwondo nom deixou de medrar, e hoje Galiza é umha das potências mundiais da disciplina. Já o mês passado informavamos no NGZ da vitória do Natural Sport de Ribeira no Campeonato Europeu de Clubes.

CLAQUE CELTISTA EVITA CONTRATAÇOM DO FASCISTA BALLESTA

A pressom popular, sobretudo através das redes sociais, obrigou a diretiva do Celta a anular a contrataçom do ex-futebolista Salva Ballesta como ajudante do novo treinador Abel Resino. Ballesta é conhecido por alardear da sua ideologia ultradireitista, motivo polo qual foi apupado em multidom de estádios, entre eles o de Balaídos. Finalmente a equipa viguesa contratou a Abel Resino como o seu novo técnico.

“Quando se pensa em remo pensa-se em masculino: nós revolucionamos esse esquema na trainha”

ENTREVISTA A SILVIA LOUREIRO E VANESA SUÁREZ, DA TRAINHA GALEGA ‘RÍAS BAIXAS’

CHARO LOPES E ISMAEL R. SABORIDO / Há umha década ninguém poderia imaginar o salto qualitativo do remo feminino. Há dez anos nem sequer se disputara umha só regata de trainhas e as remeiras ainda reclamavam que a federaçom espanhola desse ao campeonato estatal feminino de bateis tal consideraçom, já que na altura ainda se denominava ‘Troféu Federaçom‘. No ano 2005 disputou-se a primeira regata feminina de trainhas, a ‘Txingudiko Bandera’, em águas de Hondarribia, onde venceu a equipa galega Cabo da Cruz. No verao do ano 2008, dá-se um novo passo: a Cámara Municipal de Donostia organiza a primeira Bandeira da Kontxa feminina, que novamente venceu um combinado de remeiras galegas com o nome de ‘Galicia’. No ano 2009 cria-se a liga Euskotren, a liga estatal de remo feminino. Funda-se a S.D.R. Rías Baixas, o primeiro clube de remo feminino, formado por remeiras procedentes de vários clubes galegos, umha vez que finalizam as competiçons de bateis e trainerilhas, com o fim de participar ao máximo nível nas competiçons estatais de trainhas. Consegue-se, porém, que as regatas de trainhas de moças tenham umha regularidade, a pesar de que com os anos fôrom sendo modificados os formatos das diferentes competiçons. Silvia Loureiro (1993, A Guarda) e Vanesa Suárez (1993, Ferrol) formárom parte do plantel da trainha galega Rías Baixas a passada temporada.porto feminino.

Como vos achegastes ao remo?
Silvia: Eu tinha amigos no clube, e digérom-me de provar. Provei, entramos umhas amigas, e depois metemos a outras amigas. Umha vez que começas, depois custa deixá-lo; se um dia nom treino, já me sinto mal.
Vanesa: Eu fum acompanhar ao meu irmao, e digérom-me de provar também... e aqui estou, enganchada. (risas)
S.: Engancha porque tés umha equipa à que lhe tés botado o olho e à que queres ganhar. Eu quero ganhar a Vila Joám.
V.: (risas) Nós com quem temos rivalidade é com Cabo.

SILVIA LOUREIRO E VANESA SUÁREZ

Como compaginades o remo com estudos e o resto das atividades?
Vanesa: Se te organizas encontras tempo para todo, mas também há que renunciar a algumhas cousas. Os dias baseiam-se em ir a aulas, estudar e treinar, mas paga a pena.
Silvia: É duro compaginar os horários escolares com o remo, tés que organizar-te mui bem para poder fazê-lo todo, e renunciar a muitas cousas para poder realizar os treinos diários. Tenho uns horários complicados posto que saio de aulas às quatro da tarde; almoço às presas e vou treinar.

Qual é a situaçom das remeiras nos vossos clubes?
Silvia: A situaçom no meu clube é boa, já que se completam as três categorias de femininas que existem, tendo assim promessas, juvenis e absolutas.
Vanesa: No meu a situaçom das remeiras é um pouco mais difícil, porque nom temos categoria juvenil. Na base temos bastantes nenas que esperemos que continuem assim, e na categoria absoluta também estamos bastante justas.

Um dos problemas do remo feminino é a falta de continuidade?
Silvia: É, a partir de juvenil de segundo. Deixa-o muita gente, começa-se a sair de festa e isso...
Vanesa: Claro, é que “perdes” todo o verao. Nom podes sair de festa, apenas ir à praia... Quem nom tenha o remo como prioridade nesse momento acaba por abandonar.

E vós porque continuades?
Vanesa: Porque paga a pena. Há que aproveitar a oportunidade que temos.
Silvia: Ganhar é umha experiência que nom se pode repetir. Ir à Kontxa... Dim-che de ir no Rias Baixas, e vás coma um *foghete;* há mais anos para essas outras cousas. Além disso, aprendes disciplina e a valorizar o próprio esforço. Por exemplo sabemos que o de estudar, nom é o mesmo quando nom tés mais que fazer que quando te dedicas ao remo, porque remar ocupa muito tempo.

Como se apresenta a temporada 2013 de trainhas feminina?
Silvia: Ainda nom está mui claro que ligas que vai haver nem se Galiza contará com o número de trainhas femininas necessário para fazer umha liga própria com certo nível.

Vedes possibilidades de que clubes galegos participem individualmente na Liga Euskotren?
Vanesa: Euskotren implica uns gastos importantes, porque todas as regatas som no País Basco. Nós, no passado ano, na Cabana nom tínhamos dinheiro, pagamos nós o equipamento, os “platanitos” (indumentária de competiçom)...
Silvia: O processo está a ser bom, e aguardo que cada vez haja mais raparigas. Mas tampouco há tantas remeiras; Meira com Tirán poderiam unir-se e fazer umha, Cabo... Cabana e Sam Filipe outra... Estaria bem que se animassem mais raparigas. Porque se a participaçom fosse como clubes melhoraríamos muito, se sempre estás com a tua equipa avanças muito mais. Acho que a qualquer pessoa gostaria de poder sair numha trainha na Liga Euskotren com o nosso próprio clube.

Qual é o nível de motivaçom?
Silvia: Sempre tés mais motivaçom quando remas polo teu clube, mas também motiva ter um bote galego; gostaria de que houvesse liga galega, mas nom há dinheiro. Quer-se fazer, mas já foi tarde quenado se pensou, todo é feito às carreiras e nom dá tempo. Este ano nom se sabe nada. Para que haja umha liga galega feminina tenhem que fazê-la atrativa, com mais regatas e mais promoçom.
Vanesa: Teria que ser bem apoiada e tampouco há muito interesse dos clubes. Estes, os treinadores e os patrocinadores apostam mais polos rapazes.

Sentíades que érades umha Seleçom Galega?
Silvia: Seleçom nom, porque para umha seleçom escolhem as melhores, e nós nom somos as melhores. Somos as que estamos.

Mas tampouco está qualquer pessoa, houvo filtro.
Silvia: Sim, mas nom quer dizer que nós sejamos umhas máquinas, o que aconteceu é que as que ficárom fora precisavam mais treino ou algo mais de experiência.

Como seria o melhor modo de organizar-se? Fazer combinados de vários clubes como até agora, ou fazer diretamente umha seleçom galega?
Vanesa: Acho que fazendo combinados haveria mais barcos galegos e seria melhor para fazer-nos um oco na Liga Euskotren e demostrar do que somos capazes.

Que diferenças encontrades entre a temporada de bateis e traineirinhas, representando ao vosso clube, e a tempada de trainhas, com Rías Baixas?
Silvia: O nível na temporada de trainhas é maior, mais seriedade e profissionalidade em relaçom com bateis e traineirinhas, já que muitas vezes nos campeonatos estatais nem se molestam em alinhar bem as boias, jogando assim com o trabalho de todo o ano das remeiras.

Umha mulher remeira nom encaixa dentro dos estereótipos de mulher. Como o enfrentades?
Silvia: Ao remar em trainha as costas ancheam, e assim nem nos sopram (risas). Está claro que nós formamos valores novos, poderíamos começar porque as mulheres que anunciam os platanitos (indumentária de competiçom) sejam remeiras e nom modelos, porque a ti nom che vai ficar assim.
Vanesa: Está claro que nem somos modelos, nem somos homens, porque quando se pensa em remo pensa-se em masculino. Nós revolucionamos um pouco todo esse esquema.

Quais som os objetivos para esta temporada?
Silvia: De momento o objetivo primordial é conseguirmos uns bos postos nas regatas de bateis e trainheirinhas deixando também a trainha num posto secundário. Mais adiante pensaremos na trainha sempre tentando ficar no melhor posto possível e tratando de deixar a Galiza no lugar que merece.
Vanesa: Quase podo dizer que os meus objetivos som os mesmos.

Continuaredes a remar dentro de dez anos?
Silvia: Eu sim. Depende de cada quem, dos estudos... O remo ocupa muito tempo, no meu clube treinamos todos os dias três horas, e quase nom descansas.
Vanesa: Eu penso o mesmo, em princípio acho que sim, mas influem muitas cousas.

TEMPOS LIVRES

CRIANÇA NATURAL — OS ADULTOS IMPOMOS AS NOSSAS REGRAS ÀS CRIANÇAS

Falando de ritmos

MARIA ÁLVARES REI / Cada pessoa é única e irrepetível, tanto nos seus traços físicos como nos psicológicos ou emocionais. Umha sentença como esta semelha umha evidência tal que nom valeria muito a pena deter-se a discuti-la. Mas se todas e todos somos únicos: porque desde que nascemos vivemos envolvidas em comparaçons constantes ou na procura de metas às que todas as pessoas temos que chegar?

Se partíssemos desta máxima, já desde o começo do nascimento nom estaríamos pendentes de percentis (pesos e medidas que temos que acadar com respeito a nossa idade) ou do que está marcado que faga o bebé a cada mês, a criança a cada ano e as alunas em cada curso...Vivemos numha corrida de fundo permanente desde os nossos primeiros dias de vida até a nossa morte, competindo para chegarmos a ser os primeiros (que som os que triunfam) ou para nom ficar fora dos topes impostos para nom sermos marginados por incapazes.

Neste artigo vamos falar dos ritmos e sobretodo do pouco respeito que temos os adultos por estes. Impomos as nossas regras às crianças, que venhem marcadas por um sistema que determina quando temos que trabalhar e quando e como se nos permite folgar. Baseando-nos nestes horários tratamos de que as nossas filhas se adaptem desde o seu nascimento aos nossos ritmos vitais: que comam, que durmam, que brinquem quando nós queremos que o façam. Assim é como qualificamos. Por pôr um exemplo, se um bebe dorme bem, quando dorme 8 horas seguidas durante a noite e nós acordamos descansadas para começarmos a produzir nos nossos trabalhos. No entanto, se o bebé dorme 12 horas espaciadas ao longo do dia, acordando várias vezes na noite, a qualificaçom é que dorme fatal, porque nós estamos cansas ao termos que atendê-lo durante a noite.

Adaptamos as nossas filhas desde novas a este sistema convertendo-as em peças de umha cadeia perfeita que faz que a engrenagem do capitalismo funcione. E qualificamos de “normal” à pessoa que cumpre estas normas e de atrasado à que nom as cumpre procurando umha cheia de especialistas para que o “normalizem”: pediatras, nutricionistas, fonoaudiólogo, professores de apoio, psicólogas...

Esta tirania começa sem apenas repararmos nela (porque reproduzimos o que nos impugérom a nós sem pensar se gostávamos disso) e como dizíamos antes, é imposta desde o berço às pessoinhas que mais queremos e que nem tam sequer se podem opor - nom sabem falar e nom podem dizer “aguarda um pouco, dá-me um tempinho que já veras como o consigo”-. Tenhem que caminhar ao ano, falar aos dous, tirar o cueiro entre os 24 e os 30 meses, deixar de mamar aos 6... tentamos apurar os tempos inclusive indo em contra das suas necessidades biológicas. Esta loucura que parece nom ter freio pararia se entendêssemos que as crianças aprendem por imitaçom, sem que nós fagamos nada só dando o tempo que elas precisarem. Mas porque nom som respeitadas as necessidades e ritmos próprios? Atuam vários mecanismos:

- O processo de objetualizaçom das pessoas. Tratamos as nossas filhas como um troféu ou como umha interessante exposiçom de habilidades adquiridas graças à nossa dedicaçom e perseveraçom na sua aprendizagem, demonstrando de passo os bons pais que somos (aqui entramos nós também na competência de sermos os melhores pais).

- Isto só é possível porque há seres humanos de primeira e de segunda, seres humanos que podem impor os ritmos e seres humanos que tenhem que acatá-los, as dignas e as que nom tenhem dignidade. As crianças pertencem ao grupo das indignas. Os adultos decidimos por elas todo sem questionarmos se as nossas filhas já estám prontas para darem um novo passinho. Entra aqui a maquiavélica maquinaria das comparaçons em que participam sem piedade pessoas que também querem o melhor para estas crianças (avós, tios, primos, amigas...): “o filho de Fulanita já falava aos 18 meses e o teu tem dous anos e nom di nada!” “O meu filho aprendeu a ler aos 4 anos, o teu com 5 confunde muitas letras, nom?”

- Os ritmos de cada quem som desiguais, mas nom sabemos amar a diversidade, temos que impor a homogeneidade porque, caso contrário, nom vam ser capazes de manter a disciplina que é requerida na escola. "É melhor que se vaiam acostumando", ouves continuamente, "acostumando a que?", tenho que sentar o meu filho com crianças que tenham a sua idade? que fale só quando lhe perguntem? que esteja quieto durante 3 horas? que saiba fazer o que lhe mandem desconhecidos que o tratam como o numero 11 da aula? É na escola onde aprendemos a ser obreiras/desempregadas disciplinadas e obedientes com o nosso patrom como o éramos com o nosso professor.

- A fonte de legitimaçom do sistema é a meritocracia (como se estes tivessem substituído a classe na sociedade da tecnocracia): se és o primeiro em todo, vás garantir um ascenso social da família.

- Por último, a verdadeira essência do sistema: a submissom, atingir umhas metas quando está marcado. Se nom tés esse "nível" estás fora do sistema, mas estás fora pola tua culpa, por umha questom de capacidades individuais, por ser demasiado lerda e nom ser a primeira em todo (pisar um pouco a cabeça ao passar é o caminho para o triunfo social). As que nom seguem os ritmos impostos som etiquetadas como torpes, lentas, pouco hábeis desde crianças e assim minamos a autoestima de muitas pessoas que depois estaremos encantadas de sermos mao de obra barata porque valemos mui pouco. Nom é raro ouvir frases como: "nunca se me deu bem o desenho", "nunca fum mui rápida colhendo as cousas" etc...

Sobra dizer que as mulheres padecemos esta violência em maior medida. De aí os nossos problemas de autoestima e necessidade de empoderamento. Das nenas sempre se louva a sua rápida submissom: "as nenas som mais obedientes", "som menos rebeldes", "som mais tranquilas”.

Acompanhando as crianças na consecuçom dos seus objetivos, louvando os seus avanços e sem julgá-las, talvez nom consigamos que sejam as primeiras, mas sim que nom se frustrem, que se sintam aceitadas tal e como som e que aprendam, de passo, a aceitarem outras crianças. Que sejam um bocadinho mais felizes. Há umha meta melhor do que esta?

ENTRELINHAS — O GALEGO É UMA OPORTUNIDADE, DE VALENTIM FAGIM E JOSÉ RAMOM PICHEL CAMPOS

RAUL RIOS / “Quantos de vos poríades que sabedes português num curriculum vitae?”. Apenas cinco maos levantadas numha sala de aulas com mais de 30 estudantes da faculdade de Económicas. A pregunta formulada por José Ramom Pichel durante umha palestra-apresentaçom do seu livro em coautoria com Valentim Fagim, *O galego é uma oportunidade* (Através, 2012), evidenciava uma realidade em que apenas reparamos: A maioria dos galegos desconhecem que a sua língua lhes dá acesso à comunicaçom com 250 milhons de pessoas em todo o mundo.

O galego é uma oportunidade, em ediçom bilingue galego e castelhano, nom achega nada novo a um leitor reintegracionista que lhe dê umha olhada superficial. Simples, direto e cheio de exemplos práticos sobre a utilidade do galego-português em relaçons

institucionais, empresariais ou culturais; parece dirigido a leitores nom entrados em matéria. Mas umha leitura atenta, além de vários dados ou anedotas menos conhecidas sobre a nossa língua no mundo, outorgará ao leitor reintegracionista algo do que muitas vezes carecemos: um discurso didático, singelo, de fácil transmissom e que pode ser assumido por qualquer galego.

Escrito para rachar com os preconceitos sobre a língua e criar “mentes elásticas”, *O galego é uma oportunidade* é umha obra necessária para todo aquele que quiger deixar a resistência linguística para passar à ofensiva, aproveitando todas as potencialidades do galego e nom apenas umha parte; criando um discurso moderno de defensa do idioma. Porque, como escreveu o Valentim numha dedicatória, “com o discurso certo, as paredes são janelas”.

QUE FAZER

16.03.2013 / ROTEIRO POLO ALTO ULHA / 11:00 na Eira da Xoana (Ramil). AGOLADA
Organizam A.C. O Galo e Adega. Depois do roteiro será apresentado o livro *Herdeiros pola forza*, de Manuel Gago e Xurxo Ayán.

16.03.2013 / DIA DA IRLANDA / 18:00 em Ponte Veia e 20:15 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). TEIO E COMPOSTELA
A jornada começa com o I Triangular de Futebol Gaélico Faísca-Suévia-Afiadores e continua com a apresentaçom do livro *Éirí Amach. Os poetas do alçamento da Páscoa de 1916*, petiscos, e atuaçom do grupo Carricovand.

16.03.2013 / CONCERTO DE ATAQUE ESCAMPE E FORTUÍTOS / 22:00 na Casa da Cultura (Ramil). SALVATERRA DE MINHO
Organiza a S.C.D. do Condado a benefício do Festival da Poesia. Antes haverá um passa ruas, desde as 20:00, com O Som da Triga.

16 e 17.03.2013 / ROTEIRO POLOS CAMINHOS DA SERRA DE QUEIXA
Organiza AMAL. Informaçome horários em *http://aguaslimpas.blogspot.com/*.

17.03.2013 / ROTEIRO POLA RIBEIRA SACRA: DE DOADE A ÁGUAS MESTAS / 09:00 frente à Faculdade de Magistério (Avenida de Ramón Ferreiro). LUGO
Organiza Adega.

17.03.2013 / ECO-ROTEIRO POR ROXOS / 10:30 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Saída do centro social.

19.03.2013 / MERCADO 'ENTRE LUSCO E FUSCO' / 19:00 no Parque de Belvis. COMPOSTELA
Todas as terças-feiras. Inclui 'Espaço de Troca' de diferentes objetos, roupa, etc.

19.03.2013 / PROJEÇOM DE *CYRANO DE BERGERAC* / 19:30 no Ateneu Ferrolano (Rua Madalena, 202-204). FERROL
No Ciclo de Cinema do Ateneu.

20.03.2013 / PROJEÇOM DE *LA HAINE*, DE M. KASSOVITZ / 19:00 no C.S. En pé. PONTE VEDRA
Organiza a Liga Estudantil Galega.

20.03.2013 / PALESTRA 'UMHA VIAGEM À MÁQUINA DA MENTE' / 19:30 no C.S. Lume (Rua Rouxinol, 16). VIGO
Falará Xurxo Mariño Alfonso, neurofisiólogo.

EM VIGO E BOIRO

Os centros sociais A Revolta e Aturujo celebram em março os seus aniversários

Os centros sociais A Revolta, de Vigo, e Aturujo, de Boiro, celebram em março os seus aniversários.
A associaçom de Boiro fixo público um programa de atividades que vam encher o fim-de-semana do 23 e 24 de março e que se agrupam baixo o lema 'V Aniversário: 5 anos abaixo e à esquerda'.
Os atos começam na tarde da sexta-feira, 22 de março, com umha mesa redonda sobre o associacionismo cultural na comarca com a participaçom de AntrosPinos, Altofalante e Flor de Toxo (20:00). A seguir haverá petiscos de balde e "música rebelde".
No sábado começam às 14:30 com um jantar popular (churrasco e patacas, vinho e sobremesa) ao que seguem umha mostra de baile (18:30 na Praça da Galiza) e umha "Foliada galaico-irlandesa" (de volta no local, às 22:00).
A Revolta comemora o seu 10º aniversário o 23 de março. Avisam de que terám um "amplo programa de atividades" que poderá ser consultado em *http://agalgz.org/blogues/index.php/revolta/*.

NA CORUNHA

Cinema socialista de terror

O centro social Gomes Gaioso organiza um 'Ciclo de cinema socialista de terror' na sua sede da rua Marcóni, 9, nas Atochas. Todas as sessons começam às 20:30.
A primeira projeçom será na quinta-feira, 21 de março, com a comédia de terror da Jugoslávia *Davitelj protiv davitelja* (1984).
O segundo filme, datado na URSS em 1967, titula-se *Viy*, e poderá ser visto no 28 de março.
Para encerrar o ciclo, no dia 4 de abril será projetada *Pulgasari* (1985), umha mostra de cinema fantástico da Coreia do Norte.

EM ABRIL

Semana da Filosofia em Ponte Vedra

A Aula Castelao de Filosofia organiza este ano a XXX ediçom da Semana Galega da Filosofia em Ponte Vedra. O certame será desenvolvido do 1 ao 5 de abril e estará dedicado ao tema 'Filosofia e memória'. A sede translada-se este ano ao Teatro Principal de Ponte Vedra. Está aberto o prazo de matrícula a través de internet.
O programa completo está disponível na página: *http://aulacastelao.com/*.

20.03.2013 / PROJEÇOM DE *IN TRANSITION 2.0* / 20:00 na A.VV. A Xuntanza (Corredoira das Fráguas, 37). COMPOSTELA
No ciclo 'Conhecer para Cambiar' da associaçom vizinal, Verdegaia e Amarante.

20.03.2013 / PROJEÇOM DE *O PARALELO 17: A GUERRA DO POVO*, DE JORIS IVENS E MARCELINE LORIDAN / 21:30 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Organiza o Cineclube de Compostela. VOSG.

22.03.2013 / PROJEÇOM DE *AS CORES DO VENTO* / 20:30 no C.S. A Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO

22.03.2013 / GRUPO DE ESTUDOS / 21:30 no C.S. Mádia Leva (Rua Serra de Ancares, 18). LUGO
Sobre 'A crise do dinheiro'. Ceia e debate.

23.03.2013 / RECITAL DE A PORTA VERDE DO SÉTIMO ANDAR / 20:30 no Café Uf (Rua do Prazer, 19). VIGO
O coletivo poético estará no 30 aniversário do Café Uf.

23.03.2013 / CONCERTO DE UGIA PEDREIRA E ÓSCAR FERNÁNDEZ / 22:30 na Corte dos Bois (Santa Ana, 22). SANDIÁS
Voz e sanfona.

24.03.2013 / HOMENAGEM A CARVALHO CALERO / 12:30 diante da sua casa natal (Rua Sam Francisco, 51). FERROL
Organiza Fundaçom Artábria.

26.03.2013 / PROJEÇOM DE *GOYA EM BURDEOS* / 19:30 no Ateneu Ferrolano (Rua Madalena, 202-204). FERROL
No Ciclo de Cinema do Ateneu.

27.03.2013 / PROJEÇOM DE *A NOITE DOS LAPIS*, DE H. OLIVEIRA / 19:00 no C.S. En pé. PONTE VEDRA
Organiza a Liga Estudantil Galega.

27.03.2013 / PROJEÇOM DE *CORAÇONS E MENTES*, DE PETER DAVIS / 21:30 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Organiza o Cineclube de Compostela. VOSG.

30.03.2013 / I ENCONTRO DO CLUBE DE LEITURA EM GALEGO-PORTUGUÊS AMÁLGAMA / 17:00 no Café da Guiné (Rua Sam José, 2). CORUNHA
Sobre o livro *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto.

30.03.2013 / FOLIADA / À tardinha no C.S. Gomes Gaioso (Rua Marconi, 9 - Monte Alto). CORUNHA
Com petiscos de graça. Todos os últimos sábados de mês.

29.03.2013 / CONCENTRAÇOM POLA LIBERDADE DOS PRESOS INDEPENDENTISTAS / 20:00. LUGO, OURENSE, VIGO E COMPOSTELA
As últimas sextas-feiras de mês. Convoca Ceivar. Informaçomem *http://www.ceivar.org/*.

02.04.2013 / CLUBE DE LEITURA / 19:30 no Ateneu Ferrolano (Rua Madalena, 202-204). FERROL
Juntam-se todas as primeiras terças-feiras de mês para comentar um livro com a professora Ánxeles Seoane de guia.

02.04.2013 / PROJEÇOM DE *O APARTAMENTO* / 19:30 no Ateneu Ferrolano (Rua Madalena, 202-204). FERROL
No Ciclo de Cinema do Ateneu.

05.04.2013 / VENRESPIRAR / 22:30 na A.C. Foula (Antigo Cuartel de Sam Francisco). OURENSE
Festa tradicional itinerante. Organiza A.C. Algaravia.

09.04.2013 / PROJEÇOM DE *ARSÉNICO, POR COMPAIXÓM* / 19:30 no Ateneu Ferrolano (Rua Madalena, 202-204). FERROL
No Ciclo de Cinema do Ateneu.

12.04.2013 / ATUAÇOM DE MOFA E BEFA / 22:00 na Fudaçom Artábria (Travessa de Batalhons, 7 - Esteiro). FERROL
Apresentam o espetáculo *Cozinha Económica*.

13.04.2013 / CONCERTO DE JOSÉ CONSTENLA / 22:00 na Fudaçom Artábria (Travessa de Batalhons, 7 - Esteiro). FERROL

ENVIA CONVOCATÓRIAS ao correio agenda@novasgz.com antes do dia 12 de cada mês. Anuncia os teus atos no NOVAS DA GALIZA.

NOVAS DA GALIZA

Apartado 39 (15701) COMPOSTELA | Tel. 692 060 607 | info@novasgz.com

ROBERTO CONDE, GUIONISTA, REALIZADOR E COPRODUTOR DO "GRAN COMPADRE"

"Existe um fundo ideológico marcado no Gran Compadre"

De um tempo para cá, a mocidade galega dispom do seu próprio 'reality show' cibernético. Se bem protagonizado por atores e atrizes inspiradas em perfis comuns na nossa juventude, o 'Gran Compadre' experimentou um notável sucesso no nosso país nos últimos meses. Sob um manto de inocência, esconde-se um projeto audiovisual cheio de irreverência e inconformismo, que vem de escolher, através dos votos da audiência, a sua personagem ganhadora. Conversamos com Roberto Conde, diretor, guionista e coprodutor do programa.

REUNIOM MATINAL NA SOLAINA DA CASA
De esquerda a direita: Iván (som), Ana (produçom), Olmo (cámara), Borja (ajudante de direçom), Roi (cámara e 'comunity manager'), Roberto (guiom e realizaçom)

Sem dúvida, o Gran Compadre causou sensaçom nos últimos tempos entre certos setores do país. Como surgiu a ideia e que pessoas estais por trás do projeto?

Até esta entrevista no NOVAS DA GALIZA, os criadores do *Gran Compadre* estivemos na sombra. Queríamos que o espetador se perguntasse quem estava por detrás do projeto e mesmo que desconfiasse do mesmo, sobretodo por se tratar dumha série política. Nom dizemos quem está para que os espetadores poidam apropriar-se da ideia (e, por exemplo, criem os clubes de fans dos concursantes, algo que nos apanhou por surpresa) e, portanto, o seu compromisso com o *Gran Compadre* seja maior. Dito isto, as pessoas que estamos no *Gran Compadre* somos um grupo díspar de profissionais do audiovisual que partilhamos umha visom crítica da realidade e, nos últimos meses, também partilhamos o desemprego, a emigraçom ou a precariedade. Luitamos desde a trincheira cultural contra o poder estabelecido e o orçamento do *Gran Compadre* foi de 300 euros, umha quantidade que conseguimos por um prémio a umha curta-metragem sobre o galego no certame "24 horas galego full screen".

Em que medida refletem as e os participantes a realidade sociológica da mocidade galega?

Essa era a ideia, que a mocidade galega se visse refletida nos seis concursantes. Procuramos seis perfis políticos que estivessem muito marcados e que a audiência pudesse identificar com facilidade , a ideia era abranger o maior espectro possível.

Ao lançardes o projeto, moveu-vos algumha motivaçom sócio-política ou foi concebido como um simples divertimento para vós e para o público?

Claro que existe umha motivaçom política. Que fagamos umha comédia de nós mesmos como sociedade e do nosso país, nom significa que nom sejamos conscientes de que vivemos num lugar onde as pessoas som vigiladas e detidas pola sua ideologia política, onde som criminalizadas por defenderem a sua língua ou onde a violência patronal está à ordem do dia. Creio que está bastante claro que existe um transfundo ideológico muito marcado no Gran Compadre ou, polo menos, essa era a intençom. É por isso, que empregamos desde o começo a frase do maio francês: "Tomemos a sério a revoluçom, mas nom nos tomemos a sério a nós mesmas".

Personagens como Moncho ou Marta estám a se fazer com legions de seguidores entre o público. Até que ponto o perfil das concursantes se corresponde com a personalidade real dos atores e atrizes? É o Gran Compadre um *reality show* ou umha ficom teatral?

A personalidade real dos atores nom se corresponde em absoluto com a dos personagens aos quais dam vida. Bom, há algum que se parece um pouco, mas muita gente ficaria surpreendida se conhecesse como som na realidade os atores que dérom vida às personagens.

Existia um guiom, sim, mas este estava aberto à improvisaçom dos atores pois, por umha banda tinham que parodiar o personagem e a ideologia que representavam e pola outra tinham que competir entre eles para conseguir o favor do público. Deste jeito conseguiu-se que os atores nom estivessem simplesmente representando algo previamente escrito num guiom. Fôrom conscientes de que as sequências estavam vivas e que tinham total liberdade para moldeá-las.

Que reaçons chegárom a vós por parte do público em geral? Recebestes algum tipo de oferecimento por parte dalgumha entidade comunicativa?

A reaçom por parte do público foi genial. Por umha banda queríamos chegar a um setor juvenil politizado com um humor retranqueiro muito na linha do programa e por outra a pessoas que a priori nom estariam interessadas em conteúdos audiovisuais políticos. Mas ao empregar um formato facilmente reconhecível como é um *reality show* o caminho fijo-se muito mais fácil e conseguimos enganchar muita gente. A natureza do *Gran Compadre* é independente e subversiva e, portanto, o seu lugar estava na rede. Pois a liberdade criativa que temos nom a atoparíamos nos meios comerciais ou institucionalizados do país. Mas também é certo que o primeiro meio em mostrar interesse polo programa foi a Televisión de Galicia, justo o dia depois de emitirmos o primeiro programa solicitárom fazer umha entrevista aos criadores.

Gostarias de lhe dizer algumha cousa ao vosso público através do NOVAS DA GALIZA?

O Gran Compadre quer dizer duas cousas: Para o atual Diretor Geral de Juventude e Voluntariado, Ovidio Rodeiro, as políticas de juventude reduzem-se às tramitaçons do Carné Xove, a organizar encontros de Boyscouts, acampamentos de verao, e fazer cursos de inglês sem nengum tipo de direçom estratégica. Nom está à altura da mocidade galega. Aguardamos que a proposta do Gran Compadre lhe permitisse algum tipo de reflexom. E no que diz respeito à audiência, O Gran Compadre tem umha mensagem clara: deixai de ver o Gran Compadre e saide à rua para luitar polos vossos direitos, que passando o dia no facebook nom vamos arranjar nada!

Samuel L. Paris

MATAR UM PRESIDENTE

Quando a primavera abre em oito e quando a diversão a garante o Estado (escusatio). Este poderia ser o teu último segundo, menos se és Obama e ainda nom chegou o teu *cumshot* pré-natal. Quando por fim chova ordenadamente e a água caia compassadamente, será que estamos a melhorar.

Evaldo corre pola banda. Evaldo arriba. Evaldo abaixo. Evaldo freia a diarreia de repente. Evaldo pensa que é um engenhoso produto do futebol moderno. Evaldo autoconsciente em espiral. Evaldo é o cume dum progresso estúpido. Nom sabemos o nome das árvores das ruas: estamos malformados. O sol bate contras as folhas ainda húmidas (arritmia) e a energia potencial monta o seu *full* de negros. Vai ser que pensamos demasiado no sozinhas que estamos.

Nos EUA matam presidentes. Nos EUA (ponhas como te ponhas) matam presidentes. McKinley nom aceitou que Czolgosz o convidasse a dançar. Chachachá? Ratatá!

Pixelar os mamilos. Pixelar as pirolas. Pixelar o tabaco.

Nos EUA passam o dia no *mall*. Aqui pomos cancelas ao mar. Nos EUA (subnormal) poderias passar o dia baixo teito. Como vam saber se estamos a melhorar? A chuva cairá desordenada nos telhados ianques? Nos EUA (hamburguesia) tu serias negra e viverias fora da realidade.

Guaicaipuro nom penses que o passou mui alá. Urquia estava de festa quase todo o dia. Os Latin Kings nom sabem latim. A Yakuza nom se lava no duche. O Estado protege-te: deixa a um lado a morte.

A ressaca escapou à diatribe público-privada e nunca no-la roubarám.

O Estado nada de costas polas cloacas o inseto. As tartarugas eram orientalistas, mas também eram mutantes já muito antes. Nos EUA há cérebros dentro de robots enormes e os cérebros som rosas e tenhem bocas e unhas maos pequeninhas mui válidas para manejar robots enormes. Nos EUA, às vezes, há kingkongs que che rebentam o escaparate e nom penses que lhes importa aos do concelho...

Se as ideias fossem cobre...

Nos EUA matam presidentes. A religiom era morte: a épica. A política era a vida: a lírica. Nos EUA som de prosa. Aqui nem se ensaia.